



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MUSEOLOGIA

TAMARA SOUZA NEIL MAGALHÃES

**MEMÓRIA E ESCOTISMO: as estratégias de preservação desenvolvidas pelo
Movimento Escoteiro no Brasil**

Brasília, DF
2015

TAMARA SOUZA NEIL MAGALHÃES

**MEMÓRIA E ESCOTISMO: as estratégias de preservação desenvolvidas pelo
Movimento Escoteiro no Brasil**

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia de Abreu Gomes

Brasília, DF
2015

M188b

Magalhães, Tamara Souza Neil.

MEMÓRIA E ESCOTISMO: as estratégias de preservação desenvolvidas pelo Movimento Escoteiro no Brasil. Tamara Souza Neil Magalhães. – Brasília, 2015.

87 f.; 30 cm.

Monografia (Graduação em Museologia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2015.

Orientação: Ana Lúcia Abreu Gomes.

Memória. Movimento Escoteiro. Grupo Escoteiro Ave Branca. Preservação. Memória Institucional. I. Título.

CDU 02:0000



FOLHA DE APROVAÇÃO

Memória e Escotismo: as estratégias de preservação desenvolvidas pelo Movimento Escoteiro no Brasil.


Aluna: Tamara Souza Neil Magalhães

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.


Banca Examinadora:

Aprovada por:


Orientadora:


Ana Lúcia de Abreu Gomes – Orientadora
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História Cultural - UnB

Membro:


Andréa Fernandes Considera - Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História Cultural - UnB

Membro:


Winder Oliveira Garcia – Membro
Colaborador Avulso
Especialista em Direito Tributário - UFG

Brasília-DF, 10 de julho de 2015.



Baden-Powell – Escotismo para Rapazes

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a base de tudo e me permitir chegar até aqui.

Aos meus pais, por todo apoio, incentivo, amor e demonstração de confiança em tudo que faço.

Às minhas irmãs, que são meus exemplos de determinação e inteligência.

A Sergio, pela compreensão, apoio, incentivo e colaboração durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos que estiveram presentes desde o início da minha graduação, oferecendo apoio e comemorando comigo cada etapa concluída.

A Alice, pela amizade de tantos anos, e por se fazer presente mesmo com toda a distância.

Hercy, pelo apoio no período pré-vestibular, e por dar meu primeiro passo na UnB, fazendo minha matrícula.

A Ana, minha orientadora, pela dedicação, por todo o conhecimento compartilhado e por acreditar que eu seria capaz de realizar este trabalho.

Às professoras do curso de Museologia da Universidade de Brasília, pelos conhecimentos transmitidos ao longo desses anos de graduação.

Aos colegas de curso, por tantos momentos de aprendizado, diversão e sofrimento.

Ao Grupo Escoteiro Ave Branca, minha porta de entrada para o Movimento Escoteiro, e pelo qual tenho um carinho imenso.

Ao Movimento Escoteiro, por todas as experiências, conhecimento e amizades que me proporcionou.

Aos irmãos escoteiros Felipe de Paulo, Melissa Casagrande, Gabriela Banzatto, Thiago Simplicio, Andre Spina, Winder Garcia, que se puseram à disposição para me ajudar desde o momento que souberam da realização deste trabalho.

À equipe do Centro Cultural do Movimento Escoteiro, pela colaboração com o envio de materiais e esclarecimentos.

Àqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

A memória é poderosa aliada das instituições que buscam se legitimar na sociedade. Por meio de sua memória, a instituição apresenta sua história e adquire respaldo para permanecer atuante na sociedade. A fim de propor a constituição de um centro de memória para o Grupo Escoteiro Ave Branca – 13 DF, pesquisamos os vários conceitos de memória e buscamos compreender a importância de sua preservação no Movimento Escoteiro – Movimento de ação centenária no Brasil -. Dessa forma, procuramos identificar as estratégias de preservação da memória utilizadas pelos Escoteiros do Brasil e a forma como grupos escoteiros desenvolvem atividades relacionadas à preservação da memória para, com base nas informações adquiridas, propormos a reflexão acerca da constituição do centro de memória para o Grupo Escoteiro Ave Branca. Como resultado da pesquisa, observamos que, apesar de haver ausência da sistematização da memória institucional, identificamos iniciativas de preservação da memória em nível nacional e em alguns grupos escoteiros. Com base na pesquisa realizada, levantamos os objetos usualmente utilizados para compor um acervo escoteiro, e fases necessárias para transformá-lo em um centro de memória.

Palavras-chave: Memória. Movimento Escoteiro. Grupo Escoteiro Ave Branca. Preservação. Memória Institucional.

ABSTRACT

Memory is a powerful ally of the institutions that seek to legitimize themselves in society. Through its memory, the institution shows its history and get support to stay active in society. In order to propose the creation of a memory center for Ave Branca Scout Patrol - 13 DF, we researched the various concepts of memory and attempt to understand the importance of their preservation in Scout Movement - Centennial action movement in Brazil - . Thus, we sought to identify the memory preservation strategies used by the Escoteiros do Brasil and how Scout patrols develop activities related to preserving the memory to, based on the acquired information, propose a reflection on the constitution of the memory center for the Ave Branca Scout Patrol. As a research result, we found that, although there is lack of systematization of institutional memory, we identified memory preservation initiatives at the national level and in some Scout patrols. Based on the research conducted, we raise the objects usually used to compose a scout aquis and steps needed to turn it into a memory center.

.

Keywords: Memory. Scout Movement. Ave Branca Scout Unit. Preservation. Institutional Memory.

LISTA DE SIGLAS

B-P – Baden-Powell

GEAB – Grupo Escoteiro Ave Branca

GEAT – Grupo Escoteiro Almirante Tamandaré

GESP – Grupo Escoteiro São Paulo

ME – Movimento Escoteiro

MI – Memória Institucional

MIV – Manual de Identidade Visual

MO – Memória Organizacional

POR – Princípios, Organização e Regras

UEB – União dos Escoteiros do Brasil

SUMÁRIO

Conteúdo

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	MEMORIAL	13
1.2	JUSTIFICATIVA.....	16
1.3	OBJETIVOS	17
1.3.1	<i>Objetivo Geral:</i>	17
1.3.2	<i>Objetivos Específicos:</i>	17
1.4	METODOLOGIA	18
1.5	APRESENTAÇÃO DO TEMA	18
1.6	MOVIMENTO ESCOTEIRO.....	19
1.6.1	<i>A história do Escotismo</i>	19
1.6.2	<i>O Escotismo no Brasil</i>	21
1.6.3	<i>Os Ramos Escoteiros</i>	24
1.6.4	<i>A Promessa Escoteira</i>	25
1.6.5	<i>O Método Escoteiro</i>	25
2	MEMÓRIA	27
2.1	MEMÓRIA COLETIVA	28
2.2	MEMÓRIA ORGANIZACIONAL.....	31
2.3	MEMÓRIA INSTITUCIONAL.....	33
2.4	CENTROS DE MEMÓRIA.....	35
2.5	TRADIÇÕES.....	37
2.6	A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA O MOVIMENTO ESCOTEIRO.....	39
3	A MEMÓRIA NO MOVIMENTO ESCOTEIRO	42
3.1	LEVANTAMENTO DE REGIÕES ESCOTEIRAS BRASILEIRAS QUE TÊM MATERIAL HISTÓRICO SOBRE ESCOTISMO	43
3.2	CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO	45
3.2.1	<i>A História do Centro Cultural do Movimento Escoteiro</i>	45
3.2.2	<i>A Relação da Marinha do Brasil com o Movimento Escoteiro</i>	46
3.2.3	<i>O CCME atualmente</i>	47
3.2.4	<i>Memória Escoteira</i>	48
3.3	PRODUÇÕES LITERÁRIAS	49
3.3.1	<i>“TENDÊNCIAS NO MUNDO DE HOJE: ESTRATÉGIA EDUCACIONAL”</i>	49
3.3.2	<i>“A União: A história da Chegada do Escotismo no Brasil e dos 90 anos da UEB”</i> 51	
3.4	ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	58
3.4.1	RELATÓRIOS ANUAIS	58
3.4.2	<i>Ata das Reuniões</i>	59

3.4.3	<i>Sigue</i>	59
3.4.4	<i>Manual de Identidade Visual</i>	59
3.4.5	<i>Resoluções e Posicionamento</i>	60
3.4.6	<i>Sempre Alerta</i>	60
3.4.7	<i>Programa Educativo</i>	61
3.5	GRUPOS ESCOTEIROS E SUAS MEMÓRIAS	61
3.5.1	<i>Grupo Escoteiro Almirante Tamandaré - GEAT</i>	62
3.5.2	<i>Grupo Escoteiro Professor Luiz Soares</i>	63
3.5.3	<i>Grupo Escoteiro São Paulo - GESP</i>	64
3.5.4	<i>Considerações das respostas</i>	65
3.6	O GRUPO ESCOTEIRO AVE BRANCA - GEAB	65
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
	REFERÊNCIAS EM MEIO DIGITAL	74

1 INTRODUÇÃO

1.1 Memorial

Eu me chamo Tamara, tenho 22 anos e moro em Brasília. Como boa parte da população de Brasília, não nasci aqui. Nasci em Porto Velho – RO e aos 3 anos me mudei com meus pais e minhas duas irmãs para Cantagalo - cidade no interior do estado do Rio de Janeiro -. Lembro-me de ir à biblioteca da cidade pegar livros de história – aquela versão do professor, que vinha com respostas e indicações de aula em vermelho – e fingir dar aulas. Lembro-me também de um passeio a Petrópolis com minha família e a família de primos distantes, quando visitamos o Museu Imperial. O que mais me chamou atenção foi o fato de usarmos pantufas no interior do Museu, o que nos permitiu deslizar pelo Museu inteiro, até o segurança pedir para pararmos.

Aos 12 anos nos mudamos para a cidade do Rio de Janeiro. No início foi difícil, afinal, tinha morado quase a vida toda em cidade pequena, sem shopping, sem cinema, onde todos se conheciam e se cumprimentavam na rua. A praia, os shoppings, os parentes morando perto e os novos amigos fizeram tudo parecer mais fácil. Em 2007, ainda no Rio, fiz a oitava série do ensino fundamental em um colégio preparatório para escolas militares. Professores e alunos faziam parecer que a vida de militar era a melhor que uma pessoa poderia ter, então coloquei na cabeça que entraria para a Marinha.

Em 2008, com 15 anos, me mudei para Brasília, só com meus pais. A mudança já fazia parte da minha vida, mas mudar para Brasília foi diferente: pela primeira vez ficaria longe das minhas irmãs por longos períodos, não dividiria mais o quarto – nem as atenções-. Os amigos de que tanto gostava e saía, passaram a ser amigos virtuais, com menos contato a cada dia. Parecia que os amigos da nova escola nunca deixariam de ser apenas colegas. Mesmo depois de um ano em Brasília, ainda saía pouco e reclamava muito. Um dia, andando pelo Parque de Águas Claras, meus pais viram que ali funcionava um grupo de escoteiros, e falaram que eu poderia gostar. Mesmo sem saber como era e o que faziam, decidi ir. No primeiro dia já entramos na mata do Parque e depois sentamos na grama para conversar, e eu percebi que realmente podia gostar de fazer parte do Movimento

Escoteiro. Então fiz o meu registro e continuei indo às atividades, participando ativamente até os 21 anos.

Na metade do segundo ano do ensino médio, o colégio onde eu estudava fez parceria com um curso pré-PAS – Programa de Avaliação Seriada – e pré-vestibular, e eu ganhei uma bolsa de estudos. Um dia, no intervalo entre as aulas do cursinho, ouvi uma amiga falando sobre um novo curso da Universidade de Brasília. O curso de Museologia tinha acabado de ser criado e abordava comunicação e história, segundo ela. O curso me chamou atenção, pois as duas áreas me interessavam, mas não pensei em prestar vestibular para esse curso. No ano seguinte, na hora de fazer a inscrição para o vestibular, surgiu a dúvida de qual curso escolher. Eram tantas opções, mas nenhuma parecia me agradar por inteiro. Após analisar alguns cursos como Comunicação Social, Comunicação Organizacional e História, me decidi por Museologia. No dia em que o resultado do vestibular foi divulgado, eu estava em Petrópolis e não vi que tinha passado. Quando voltei para casa, vi uma mensagem de uma amiga de Brasília informando que eu havia passado. Fui olhar o resultado na hora. Que felicidade! Meu nome estava lá: aprovada! Não sabia direito o que significava, nem tinha ideia de como as coisas mudariam a partir daquele resultado, só sabia que havia conseguido. Apesar de muitas pessoas não acreditarem que eu faria o curso, criticarem minha escolha e falarem que eu não teria emprego, sabia que queria fazer esse curso, e sempre recebi apoio em casa.

No meu primeiro semestre no curso de Museologia, fui convidada a fazer um Projeto de Iniciação Científica pelo professor André Porto Ancona Lopez, da Arquivologia. Ele também faz parte do Movimento Escoteiro e, por isso, me convidou para fazer pesquisa sobre as fotografias do Grupo Escoteiro do qual eu faço parte. Ainda caloura, não tinha maturidade nem base teórica para acompanhar e compreender as discussões do grupo de pesquisa com alunos de mestrado e doutorado.

No meu terceiro semestre participei do Projeto de Extensão do Museu da Educação do DF, trabalhando com a organização das fotografias das escolas pioneiras. Durante o período em que eu estava participando do Projeto, organizamos uma roda de memória com as professoras pioneiras a fim de identificar as pessoas que apareciam nas fotos e o contexto em que essas fotos foram tiradas. Nessa

ocasião tive oportunidade de ver como a fotografia atua na recuperação de algumas memórias. A cada foto que mostrávamos, as professoras lembravam-se de novas histórias e de novas pessoas. A relação da fotografia com a memória, e sua importância para a recuperação da história me chamou muita atenção.

Na mesma época, me interessei pela acessibilidade de pessoas com necessidades especiais aos museus. Pesquisei, adquiri alguns livros, peguei uma matéria da Faculdade de Educação sobre pessoas com necessidades especiais. Tinha certeza de que faria minha monografia sobre esse tema. Então, fiz meu projeto de pesquisa de Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso sobre acessibilidade. Porém, a professora que eu queria como orientadora estava fora e não poderia me orientar. Então, achei que seria melhor mudar de tema e procurei outro professor.

O novo tema falaria do uso da fotografia para a construção da memória no movimento escoteiro. Esse tema me atraiu bastante por poder unir o escotismo, movimento que tanto contribuiu para a minha formação como cidadã, com uma das áreas de estudo do meu curso. Para a produção do projeto de pesquisa, fiz diversas leituras sobre memória, e acabei me interessando pelo assunto, devido a sua importância e presença no nosso cotidiano, embora muitas vezes deixada de lado.

A partir das leituras que fiz sobre memória, consegui compreender melhor o seu papel dentro de uma instituição. Quando Costa (1997) diz:

Ao contrário do que costumamos pensar, nós somos e fazemos nossas instituições. E a memória institucional é o reflexo dessa trajetória, não como *mimesis*, mas como um cristal com suas múltiplas e infinitas facetas.

compreendo que a memória é feita a partir das atividades desenvolvidas pelos membros que compõem a instituição. Dessa forma, vejo a importância da consciência da preservação da memória no Movimento Escoteiro.

O escotismo existe há mais de um século e está presente em todos os continentes do planeta. A gestão da memória de uma instituição como essa é essencial para legitimar sua importância na sociedade e para reforçar a identidade da instituição, tanto interna quanto externamente.

A importância do Movimento Escoteiro para a sociedade consta dos Princípios da Instituição, que é de contribuir para o desenvolvimento de jovens, baseado em valores como lealdade, verdade e bondade.

Tendo consciência da importância da memória institucional e do Movimento Escoteiro, eu me proponho refletir acerca da constituição de um centro de memória para o Grupo Escoteiro Ave Branca no Distrito Federal.

Sendo assim, este trabalho se estrutura no Eixo 3: Museologia e Patrimônio Cultural, do curso de Museologia da Universidade de Brasília.

1.2 Justificativa

O Movimento Escoteiro existe desde 1907 e hoje¹ é a “maior organização mundial de voluntariado em prol da educação”. O Movimento chegou ao Brasil em 1910 e, atualmente, conta com mais de 77 mil associados². A importância desse Movimento vem da preocupação com o desenvolvimento de melhores cidadãos, por meio de atividades em equipe. Essas atividades trabalham com seis áreas do desenvolvimento do jovem: física, afetiva, caráter, espiritual, intelectual, social.

Baden-Powell, fundador do Movimento Escoteiro, já dizia que o escotismo é um movimento, não uma organização. Assim, passa constantemente por transformações e mudanças para seguir o ritmo da sociedade.

Conhecer a origem das tradições do Movimento Escoteiro é fundamental para entender sua organização, os caminhos percorridos e o conjunto de ações que fizeram com que ele se tornasse tão importante nos dias de hoje.

A importância do estudo da história de uma instituição e da preservação de sua memória, para que o passado possa ser analisado e o futuro planejado, é enfatizada por Camargo e Goulart (2015). Por meio dessas ações é possível observar o que pode ser melhorado, fazer campanhas de *marketing*, tomar conhecimento de como a instituição é percebida tanto interna, quanto externamente.

¹ Informação retirada do Release da União dos Escoteiros do Brasil, divulgado em 2014 para comemorar os 90 anos dos Escoteiros do Brasil.

² Relatório Anual de 2014, divulgado pelos Escoteiros do Brasil.

A memória da instituição é uma importante ferramenta para a sua legitimação na sociedade. É o conjunto de fatores que a instituição selecionou para afirmar sua importância.

Nos dias de hoje, com a facilidade de digitalização de documentos, produção fotográfica e divulgação em meio digital, há a sensação de que tudo está sendo armazenado e, assim, preservado. Camargo e Goulart alertam para a necessidade de seleção do que deve ser armazenado. A seleção do que deve ser preservado é uma etapa importante para a construção da memória institucional, e deve ser feita por pessoas que conhecem a instituição.

Outro problema que a facilidade de produção e disseminação das informações das atividades indica, inclusive no Movimento Escoteiro, é a dificuldade que vem em seguida: recuperar essas informações e armazená-las de forma contextualizada e organizada.

Observa-se assim, a importância do centro de memória. Com tanta informação, de tantas formas e diferentes suportes, é fundamental que haja um lugar que reúna essas informações de maneira organizada e acessível, para a construção da memória de uma instituição.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral:

Contribuir para a reflexão acerca da constituição de um Centro de Memória para o Grupo Escoteiro Ave Branca – 13 DF.

1.3.2 Objetivos Específicos:

- Conhecer os diferentes conceitos de memória Institucional a partir da bibliografia selecionada;
- Elaborar levantamento das iniciativas desenvolvidas pelo Movimento Escoteiro para a preservação de sua memória e propor a constituição de um Centro de Memória para o Grupo Escoteiro Ave Branca.

1.4 Metodologia

Em um primeiro momento, no capítulo um, será realizada uma revisão bibliográfica sobre memória institucional.

Em seguida, será feito um levantamento das estratégias utilizadas pelo Movimento Escoteiro para a preservação de sua memória institucional, por meio de análise de materiais produzidos pela instituição e aplicação de questionário contendo perguntas abertas e fechadas.

Com base na análise das respostas ao questionário, será feita uma reflexão para a constituição de um Centro de Memória para o GE Ave Branca.

1.5 Apresentação do tema

O Movimento Escoteiro, instituição centenária, está presente em 216 países e territórios. Nesse tempo, muitas mudanças ocorreram em todos os níveis em que o Movimento se organiza: mundial, regional e nacional. Essas mudanças colaboraram para que o Movimento se mantivesse sempre atual e proporcionando condições de desenvolvimento pessoal aos jovens, por meio do método escoteiro.³

As mudanças pelas quais o Movimento Escoteiro passou colaboram para contar a sua história e legitimar seu papel na sociedade. Por meio da memória institucional, a instituição se apresenta para a sociedade e reforça sua identidade, tanto de forma interna, quanto externa.

No Brasil, as mudanças que ocorreram no Programa Educativo, nos uniformes e na forma como a instituição se apresenta, por exemplo, têm relação direta com os jovens e foram importantes para manter o escotismo atualizado. Outras informações necessárias para a formação da história do Movimento são os posicionamentos dos Escoteiros do Brasil frente a diversos assuntos. Esses posicionamentos refletem a relação do escotismo com a sociedade.

Desta forma, busco analisar quais são as estratégias de preservação da memória que vêm sendo utilizadas pelos Escoteiros do Brasil. Análise feita, e com

³ Ver página 27

base nas leituras e estudos sobre centros de memória, farei uma avaliação tendo por objetivo propor a constituição de centro de memória para o Grupo Escoteiro Ave Branca – 13 DF.

Por ter feito parte desse Grupo, pude perceber, em nível local, a necessidade de atenção para as informações que compõem a memória institucional. No ano de 2016, o Grupo fará trinta anos e vê-se a importância de conhecer a sua trajetória, para divulgá-la a seus membros e à comunidade onde está inserido.

Ao longo desses vinte e nove anos, o Grupo Escoteiro Ave Branca passou por algumas mudanças de local e hoje está localizado no Parque Ecológico de Águas Claras-DF, em uma sede emprestada pela administração do Parque. Devido às mudanças de espaços físicos, algumas fotos e diversos documentos se perderam e outros foram danificados.

Tendo em vista as mudanças - tanto físicas, quanto de pessoal -, vemos a necessidade de armazenar os documentos de maneira organizada e registrada, para evitar que se percam ou se descontextualizem.

A formação do Centro de Memória do Grupo possibilita essa organização e serve como ferramenta de memória, tanto para os membros que buscam conhecer mais a instituição, quanto para a sociedade.

1.6 Movimento Escoteiro

1.6.1 A história do Escotismo

O Movimento Escoteiro foi criado na Inglaterra, no início do século XX, por Baden Powell⁴, carinhosamente chamado B-P, soldado inglês que, ao retornar da guerra na África do Sul, percebeu que sua experiência poderia ajudar a juventude. Então, B-P realizou estudos sobre métodos educativos para jovens e desenvolveu

⁴ Robert Stephenson Smyth Baden-Powell nasceu em 22 de fevereiro de 1857, em Londres, Inglaterra. Aos 19 anos ingressou na carreira militar. Aos 26 já era capitão. Sua coragem e habilidade de seguir pistas chamavam atenção de seus companheiros de batalha. Em 1899, B-P foi convocado para liderar a batalha da conquista de Mafeking, na África do Sul. Após 211 dias a Guerra chegou ao fim e B-P tornou-se herói nacional, devido a forma como liderou a batalha. Em 1910, saiu do exército para dedicar-se de forma integral ao Movimento Escoteiro. Em 1938, B-P mudou-se para o Quênia, onde morou até morrer, em 08 de janeiro de 1941.

seu método educativo baseado no aprender fazendo, no trabalho em equipe, e na vida ao ar livre. Para testar seu método, B-P convidou vinte jovens para um acampamento na Ilha de Brownsea, o que se tornou o primeiro acampamento escoteiro. Vendo que seu método era eficiente, ele criou o livro “Escotismo para Rapazes”, lançado na forma de manual, em 1908. A partir daí o Movimento Escoteiro se expandiu e se tornou mundial. Em 1912, B-P começou uma viagem ao redor do mundo, com o objetivo de entrar em contato com os escoteiros de outros países.

O método escoteiro chamou atenção também das meninas. Com isso, B-P e sua irmã Agnes Baden-Powell criaram, em 1909, o *Girl Guides*, movimento que no Brasil recebeu o nome de Bandeirantes. Agnes Baden-Powell ficou na presidência das Bandeirantes até 1918, quando Olave⁵, esposa de B-P, assumiu a presidência.

Em 1920, ocorreu em Londres o Primeiro Jamboree Mundial, acampamento com a participação de escoteiros de diversos países, com o objetivo de reunir o máximo de escoteiros em um único local. O Jamboree Mundial ocorre a cada quatro anos, sempre em locais diferentes. Desde 1920 só em duas ocasiões não aconteceu o Jamboree: entre 1937 e 1947 – período da Segunda Guerra Mundial -, e em 1979, quando aconteceria no Irã, mas foi cancelado devido à Revolução Iraniana.

Há diversos eventos internacionais, tais como Jamboree Mundial; JOTA – Jamboree On The Air, no qual as atividades são realizadas no mundo todo por meio de transmissão de radioamador -; JOTI – Jamboree On The Internet -, sendo os dois últimos realizados anualmente; Jamboree Panamericano; Conferência Interamericana; World Scout Moots; Fórum Mundial de Jovens; Moot Interamericano.

⁵ Olave St. Clair Soames nasceu em 22 de fevereiro de 1889. De boa família, Olave sempre teve oportunidade de praticar esportes e tocar instrumentos. Ainda jovem, Olave acreditava que podia ajudar a sociedade de alguma forma. Aos 23 anos viajou com seu pai para as Índias Ocidentais, onde conheceu Baden-Powell. Apesar da diferença de idade – B-P era 32 anos mais velho que Olave-, eles se apaixonaram e se casaram no mesmo ano. Em 1918, com a necessidade de dirigentes, ingressou no Movimento Bandeirantes, ao qual dedicou grande parte de sua vida. Após o final da Segunda Guerra Mundial, Lady Olave visitou os países mais devastados pela guerra. Em 1959, aos 70 anos, visitou o Brasil, oportunidade em que conversou com jovens escoteiros e bandeirantes. Olave faleceu em 25 de junho de 1977.

O Movimento Escoteiro está presente em 216 países e territórios. A Organização Mundial do Movimento Escoteiro disponibilizou, em 2009, um mapa onde mostra as regiões onde o escotismo está presente.⁶

A Flor de Lis, símbolo mundial do escotismo⁷, foi escolhida por B-P por ser utilizada nos mapas para indicar o norte. No Movimento Escoteiro, ela representa o melhor caminho a se seguir.

1.6.2 O Escotismo no Brasil

O escotismo chegou ao Brasil em 1910, por meio de militares da Marinha do Brasil que conheceram o Movimento enquanto representavam o país na Inglaterra. Há registros de outros brasileiros que também estavam na Europa nos anos que seguiram à fundação do Movimento e tiveram interesse de trazer o método educativo para o Brasil. Nessa época, começaram campanhas jornalísticas para a ampla divulgação do escotismo.

Em 1915, foi lançado um projeto de lei para o reconhecimento do Movimento como Utilidade Pública. Em 11 de junho de 1917, o Presidente Wenceslau Braz sancionou o Decreto do Poder Legislativo nº 3297, cujo Art. 1º estabelecia “São considerados de utilidade pública, para todos os efeitos, as associações brasileiras de escoteiros com sede no país”.

Nos anos de 1915 a 1917 várias organizações escoteiras foram criadas, chegando à maioria dos estados brasileiros.

Em 1919, Lady Olave enviou uma carta às mulheres e meninas brasileiras, convidando-as a se interessarem e buscarem informações sobre as Bandeirantes, movimento que também já estava presente em todo mundo. No mesmo ano, foi criada a Fundação Bandeirantes do Brasil, desvinculando esse Movimento do Movimento Escoteiro. Inferimos a partir dessa informação que, nessa época, já se via a necessidade de reunir as informações para facilitar o acesso.

Devido ao crescimento do número de instituições escoteiras no Brasil, viu-se a necessidade de unicidade entre as organizações em todo o País. Após inúmeras tentativas de união, por meio da iniciativa de três organizações escoteiras –

⁶ Confira o anexo 1.

⁷ Confira o anexo 2.

Associação de Escoteiros Católicos do Brasil, Confederação Brasileira de Escoteiros do Mar e Confederação dos Escoteiros do Brasil-, em 04 de novembro de 1924, foi criada a União dos Escoteiros do Brasil. Porém, só em 1950, por decisão da Assembleia Nacional, houve a completa integração do Movimento Escoteiro no Brasil, extinguindo as federações (Boulanger 2014, p-p 188 a 191). A União dos Escoteiros do Brasil é a única instituição escoteira brasileira reconhecida pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro.⁸

Após a Primeira Guerra Mundial, a mulher ocupou espaços até então exclusivamente masculinos. Assim como na sociedade, as mulheres passaram a ter espaço também no Movimento Escoteiro. B-P defendia a inserção das mulheres no escotismo não como forma de masculinizá-las, mas de desenvolver, assim como com os meninos, suas habilidades. Santos (2013, p.426) faz um apanhado da história das mulheres no escotismo brasileiro como:

Entre os anos 1915 e 1950, vários grupos experimentaram tropas mistas. A UEB autorizou o funcionamento do primeiro Clã misto em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no ano de 1968, sendo oficializado onze anos mais tarde. As primeiras Alcateias Mistas Experimentais começaram a funcionar em 1978. Escoteiras e guias, respectivamente, em 1980 e 1981. A partir de 1982, o ramo lobo. (sic)

No final da década de 1980 e início da década de 1990, o Programa Escoteiro utilizado no Brasil desenvolvia mais a área de técnicas escoteiras em detrimento da educacional. Com a percepção desse fato, iniciou-se uma série de estudos para desenvolver um novo programa educativo.

Em paralelo, ocorria em nível mundial o incentivo à formulação de um programa educativo que enfatizasse o papel do escotismo como movimento educacional. A Região Escoteira Interamericana sugeriu um “Método de Atualização e Criação Permanente do Programa de Jovens – MACPRO”. Após estudos e traduções de materiais produzidos, o Comitê Nacional de Programa de Jovens sugeriu à Diretoria Executiva Nacional – DEN – que o MACPRO fosse o modelo adotado no Brasil.

⁸ Há outras instituições brasileiras que se dizem praticantes do escotismo, porém não são reconhecidas pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro, por isso não serão abordadas neste trabalho.

Hoje, a Equipe Nacional de Atualização Permanente do Programa trabalha na constante avaliação do Programa de Jovens, propondo melhorias aos guias e literaturas, sempre buscando colaborar para o desenvolvimento do físico, afetivo, caráter, espiritual, intelectual e social do jovem.

Como forma de atualizar a imagem do Movimento Escoteiro perante a sociedade, proporcionar aos jovens maior identificação e interesse pelo Movimento Escoteiro e demonstrar ser uma Instituição acessível, o MIV – Manual de Identidade Visual – de 2012 estabeleceu o nome Escoteiros do Brasil como forma de se apresentar informalmente, enquanto União dos Escoteiros do Brasil será utilizado apenas para fins jurídicos e fiscais.

Princípios, Organização e Regras - POR - dos Escoteiros do Brasil, 2013, define:

o Escotismo é um movimento educacional de jovens, sem vínculo a partidos políticos, voluntário, que conta com a colaboração de adultos, e valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, etnias e credos, de acordo com seu Propósito, seus Princípios e o Método Escoteiro, concebidos pelo Fundador Baden-Powell e adotados pela União dos Escoteiros do Brasil.

E tem como propósito:

contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu Projeto Educativo.

A missão do Escotismo é:

A missão do escotismo é contribuir para a educação do jovem, baseado em sistema de valores baseados na Promessa e na Lei Escoteira, ajudando a construir um mundo melhor, aonde se valorize a realização individual e a participação construtiva em sociedade.

Visão: “O Movimento Escoteiro é um movimento global que produz uma real contribuição na criação de um mundo melhor”.

No Brasil, o Escotismo é organizado em três níveis: Nacional, Regional e Local.⁹ De acordo com o Relatório Anual de 2014, divulgado pelos Escoteiros do Brasil, são 77.741 escoteiros registrados no Brasil. No mundo, são mais de 40 milhões de escoteiros, distribuídos em 216 países e territórios.

1.6.3 Os Ramos Escoteiros

O Escotismo está dividido em Ramos, de acordo com as faixas etárias:

a) Ramo Lobinho:

Participam do Ramo Lobinho crianças de seis anos e meio a 10 anos. O lema desse Ramo é “Melhor Possível”. O Ramo Lobinho no grupo escoteiro é chamado de Alcateia. Dentro da alcateia os jovens são divididos em grupos menores, de até 6 jovens, chamados de matilhas. Nesse Ramo busca-se, por meio do Programa Educativo, desenvolver a socialização da criança.

b) Ramo Escoteiro:

Participam do Ramo Escoteiro jovens de 11 a 14 anos. O lema do Ramo é “Sempre Alerta”. O Ramo Escoteiro tem tropas escoteiras, que também são divididas em grupos menores, de até 8 jovens, que são chamados de patrulhas. O Programa Educativo do Ramo Escoteiro busca desenvolver a autonomia dos jovens, por meio da vida em equipe.

c) Ramo Sênior:

Participam do Ramo Sênior jovens de 15 a 17 anos. O lema do Ramo é “Sempre Alerta”. Assim como no Ramo Escoteiro, os jovens são divididos em grupos menores, de até 8 jovens, que compõem as patrulhas da tropa sênior. De acordo com o POR,

o Programa Educativo aplicado ao Ramo Sênior concentra sua ênfase educativa no processo de autoconhecimento, aceitação e aprimoramento das características pessoais, auxiliando o jovem na formação de sua identidade e a superar os principais desafios com que se depara nessa etapa da vida.

⁹ Veja como cada nível se organiza no anexo 3.

d) Ramo Pioneiro:

Participam do Ramo Pioneiro jovens-adultos de 18 a 21 anos. O lema é “Servir”, pois a ênfase do Ramo é a integração do jovem na sociedade. As atividades desenvolvidas pelo Clã de pioneiros são formas de colocar em prática a Promessa Escoteira.

1.6.4 A Promessa Escoteira

A promessa escoteira é a base do Movimento Escoteiro. É por meio dela que os membros do Movimento Escoteiro firmam seu compromisso e assumem a responsabilidade dos deveres a serem cumpridos. A promessa escoteira do Ramo Lobinho e dos adultos voluntários diferem da promessa dos demais ramos.

A promessa do Ramo Lobinho é:

Prometo fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus, minha Pátria e o Brasil; obedecer à Lei do Lobinho e fazer todos os dias uma boa ação.

Promessa Escoteira feita pelos ramos escoteiro, sênior e pioneiro:

Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus, minha Pátria e o Brasil; ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; e, obedecer à Lei Escoteira.

Promessa de Adultos:

Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus, minha Pátria e o Brasil; ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; obedecer à Lei Escoteira, e servir a União dos Escoteiros do Brasil.

1.6.5 O Método Escoteiro

O Método Escoteiro é composto dos cinco itens a seguir:

- a) Aceitação da Promessa e da Lei Escoteira;
- b) Aprender fazendo;
- c) Vida em equipe;

- d) Atividades progressivas, atraentes e variadas;
- e) Desenvolvimento pessoal com orientação individual.

O escotismo possui três modalidades, que se diferenciam nos focos das atividades: Modalidade Básica, Modalidade do Mar e Modalidade do Ar. A Modalidade Básica buscam desenvolver atividades com técnicas escoteiras, como construção de pioneirias – feitas com madeiras ou bambu e unidas por nós e amarras-, caminhadas e excursões. A Modalidade do Mar busca desenvolver nos jovens o interesse pela vida no mar. Apesar do nome, essa Modalidade pode ser desenvolvida em rios, lagoas, pantanais. Na Modalidade do Ar os jovens são familiarizados a esportes aéreos, meteorologia, aeromodelismo e demais questões relacionadas à aeronáutica.

2 MEMÓRIA

Para falarmos de memória, precisamos recorrer à mitologia grega. Mnemonise, filha de Urano e Gaia, é uma das deusas mais poderosas da Grécia Antiga por ser a deusa da memória. Acredita-se que a memória é o que diferencia o ser humano dos demais seres vivos.

Após nove noites com Zeus, Menmosine deu à luz a nove musas que eram inspiração para artistas, poetas e cientistas. O *Mouseion*, templo das musas, passou a ser local de contemplação e estudo de artes e ciências. Com o tempo, surgiram outros espaços com o propósito de contemplação, como os locais que abrigavam as coleções principescas, os Gabinetes de Curiosidades e coleções científicas (JULIÃO, p.20).

Com a disseminação desses espaços, deu-se origem aos museus, com a preocupação de preservar a memória e os fatos importantes de determinado lugar. Até o século XVIII, os museus tinham um público mais restrito. A Revolução Francesa, ocorrida no final do século XVIII, foi um marco para a concepção de museus que temos hoje em dia. Aberto ao público, esses espaços tinham o propósito de preservar e divulgar o patrimônio de uma nação, bem como coleções científicas montadas durante expedições em territórios colonizados. A despeito dessas mudanças, a associação dos museus à memória e ao poder é recorrente.

Por muito tempo acreditou-se que a memória era fato unicamente individual. Até o século XIX os estudos da memória compreendiam-na unicamente como a capacidade que o ser humano tem de se lembrar, e o esquecimento era um grande problema. A partir de fins do século XIX, estudos acerca da memória coletiva e social nos permitiram dissociar a compreensão da memória como a capacidade de armazenar e recuperar informações. A memória, a partir daqueles estudos, passou a ser compreendida como tensão necessária entre lembrar e esquecer. Ao nos lembrarmos de algo, selecionamos uma série de outros acontecimentos para esquecer.

Le Goff (2013) defende que o uso da expressão memória coletiva deve ser para as sociedades sem escrita. Porém, aqui usaremos memória coletiva como

resultado de um processo coletivo, conceito usado por Halbwachs no final do século XIX.

Dessa concepção inicial, os estudos acerca da memória coletiva/social se desenvolveram permitindo a reflexão acerca da memória no interior das organizações, empresas, instituições.

A memória institucional, que é uma das categorias que nos auxiliarão a refletir sobre nosso objeto de estudo, será analisada pelas definições de autores especializados, como Icleia Costa, Letícia G. Molina e Marta L. P. Valentim. A memória institucional é importante para que as instituições se conheçam e, a partir do conhecimento adquirido, possam desenvolver estratégias para melhoria de suas atividades e de relacionamento com seu público.

Observamos em diferentes instituições a organização de Centros de Memória que seriam lugares onde elementos para a construção da memória da instituição estão reunidos. É essencial, para o bom funcionamento e desenvolvimento do centro de memória, que haja uma seleção e organização do que fará parte do seu acervo.

Outro importante passo para a compreensão de uma sociedade é conhecer suas tradições. Com origem espontânea ou inventada, as tradições servem como forma de manter a coesão de uma sociedade. O Movimento Escoteiro é repleto de tradições, muitas que podem ser consideradas indissociáveis do próprio Movimento, como o cumprimento de canhota e os acampamentos.

Por fim, apresentaremos a importância da memória para o Movimento Escoteiro. O registro e preservação da memória são importantes formas de conhecimento interno e externo de uma instituição. Por meio da memória o Movimento Escoteiro tem meios de se legitimar na sociedade, atrair mais membros e divulgar seu papel social.

2.1 Memória Coletiva

Le Goff se refere à memória coletiva como ferramenta das sociedades sem escrita (2013, p. 391). Segundo o autor, nessas sociedades existem os homens-memória, os guardiões dos códices reais. Por meio desses homens eram transmitidos tanto os mitos fundadores, quanto os conhecimentos práticos, não da

forma “palavra por palavra”, mas por narrações que incorporavam relações externas àqueles fatos.

Com o surgimento da escrita, as formas de memória passaram por mudanças. Le Goff (2013, p. 394) aborda duas formas de memória que se desenvolveram com o surgimento da escrita: a memória comemorativa e a memória em forma de documento. A memória comemorativa celebra um acontecimento memorável por meio de monumentos e inscrições. Os monumentos muitas vezes representam as conquistas de um povo sobre outro; alguns não têm inscrições, como forma de manter seu significado obscuro. Os documentos escritos têm como funções principais a perpetuação daquela memória através do tempo e a possibilidade de alterações e reavaliação do que já foi escrito (Ibidem, p. 396).

Há ainda a memória real (Le Goff, 2013, p. 397), produzida por interesse dos reis para registrar seus feitos. Arquivos, museus e bibliotecas foram encontrados com informações sobre os reis e suas conquistas. Tanto no Oriente quanto no Ocidente, os reis se preocupavam com o registro de suas grandes conquistas e informações sobre si mesmos.

Halbwachs (1985, p.29), contudo, ressalta que a memória é um processo coletivo. Quando nos lembramos de uma situação, mesmo que tenhamos passado por ela sozinhos, essa lembrança é coletiva, pois sempre há em nós um pouco de outras pessoas (ibidem, p. 30). Ao nos lembrarmos de algo, nossa mente reorganiza os acontecimentos de acordo com os estímulos que tivemos para trazer à tona essas lembranças.

Concordando com Halbwachs, Moreira diz:

A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

A memória é sempre uma representação seletiva, pois quando nos lembramos de algo precisamos também esquecer outros acontecimentos. A memória seleciona fatos que são relevantes para a construção da identidade, e

também esquece fatos considerados de menor importância por nossa mente ou pelos grupos sociais.

A psicologia, segundo Cantarino e Pereira (p.176), comporta vários tipos de memória, os quais possuem, ao menos, três aspectos em comum: aquisição, armazenamento e recuperação. A aquisição é o processo que se dá a partir de dois fatores, que são a percepção e a atenção – são esses fatores que fazem com que exista algo a ser lembrado -. O armazenamento é o processo em que o acontecido é gravado em nosso cérebro. A recuperação é o caminho que a memória percorre até o espaço de armazenamento, para que o registrado possa ser lembrado.

Percebemos assim, que a psicologia analisa a memória unicamente pelo aspecto biológico. Para Chauí (2000, p. 161), a memória não é “fato puramente biológico”, como afirmam alguns estudiosos. Se assim fosse, não teríamos sentimentos em relação ao que lembramos, como também não existiria o esquecimento, uma vez que tudo o que passamos estaria registrado em nosso cérebro.

De acordo com Chauí, o processo de memorização se dá por dois componentes: o objetivo e o subjetivo. O objetivo é a forma que nosso cérebro registra os acontecimentos, as ligações que são feitas para que tenhamos maior ou menor facilidade para memorizarmos algo. Já o subjetivo é a interpretação que damos a essas memórias e as relações que elas têm com demais fatos que vivenciamos.

Cantarino e Pereira avaliam que a memória é função primordial para o autoconhecimento. O ser humano sabe quem é, reconhece suas atitudes e compreende a sociedade onde está inserido por meio do conjunto de memórias que adquiriu ao longo de sua vida. Em casos de perda de memória, o indivíduo perde a noção de si e do que está vivendo, uma vez que o sentido das coisas está diretamente ligado a um conjunto de fatos passados que fizeram com que o presente acontecesse.

Molina e Valentin (2011, p. 266) reafirmam a importância da memória para a existência de elos sociais e noção de sociedade, assim como forma de construir

identidades individual e coletiva, uma vez que é a memória que permite que as relações entre passado e presente sejam feitas.

Costa (1997, p. 124) faz uso de outros autores pra reforçar que a memória não é apenas o conjunto de lembranças selecionadas pelo cérebro. A memória é, assim, a interpretação e inferência que fazemos sobre essas lembranças, e tal interpretação pode mudar ao longo do tempo conforme os estímulos que nos fazem recorrer a essas lembranças passam por transformações.

Também Costa (1997, p. 130) reforça a ideia de que, para que haja a lembrança, é preciso que antes haja o esquecimento: “para viver é preciso esquecer e lembrar, ou seja, selecionar pensamentos, ações, decisões, com todo o arsenal de informações acumuladas no tempo.”.

Para interpretar esse aspecto do esquecimento pelo olhar institucional, Costa (ibidem) usa a anistia como exemplo. Ao se perdoar algo feito no passado, por entender que hoje esses feitos podem ser desconsiderados, espera-se que haja um esquecimento acerca desse fato.

Porém, mesmo com a anistia, o fato não é totalmente esquecido. Os envolvidos no acontecimento que se propõe esquecer, provavelmente não o esquecerão, nem aqueles que atuaram no acontecimento, tampouco os que sofreram alguma influência dele decorrente.

2.2 Memória Organizacional

Faremos, agora, uso do pensamento de Nassar sobre a memória de empresas. Para ele, “memória é reputação”. Nessa linha, e fazendo relação com o falado por Costa, notamos que a memória de uma instituição está relacionada diretamente com o que ela pretende que seja esquecido ou lembrado. A memória é artefato importante para as instituições, tanto para uso interno quanto para uso externo.

A memória organizacional, segundo Almeida (2006, p. 51), é o conjunto de memórias e registros do que acontece no interior da instituição. São as formas como os membros se relacionam com a instituição, a maneira como interpretam os acontecimentos, como lidam com a história e as transformações internas. Para o

autor, a memória organizacional é fundamental para o funcionamento da instituição, para que ela mantenha suas funções coerentes ao longo do tempo.

Molina e Valentim (2011, p. 271) recorrem a diversos autores para explicar o conceito de memória organizacional. A memória organizacional se apresenta como os documentos produzidos pelas instituições, a memória dos membros, o entendimento que seus membros têm sobre ela. A memória organizacional colabora para a organização interna da instituição, para o autoconhecimento, para a continuidade de suas tarefas. É o registro da rotina da instituição.

A memória organizacional é interpretada por Freire (2012, p. 44) como conhecimento inerente aos membros de uma organização, e deve ter como metas assegurar que os conhecimentos acerca da instituição não se percam com a saída de membros que os detinham e servir como base e reflexão para ações futuras. Conhecer os caminhos já percorridos pela instituição colabora para que se evite repetir erros já cometidos anteriormente, bem como possibilita saber que ações foram tomadas e obtiveram bons resultados.

Camargo e Goulart (2015, pp. 35-44) fazem uma análise nas mudanças que têm ocorrido nas organizações ao longo do tempo. Com o avanço do uso de tecnologias nas organizações, o trabalho tem ficado individualizado, mesmo que compartilhado virtualmente. Tal situação dá margem à perda de informações e conhecimento que cada membro da instituição possui.

Quando uma tarefa é realizada durante longos períodos por uma única pessoa, sem que cada etapa do trabalho seja registrada e formalizada, corre-se o risco de que a informação se perca quando o responsável pela tarefa deixar o cargo ou a instituição.

A memória organizacional, como ferramenta de conhecimento sobre a instituição, deve estar disponível (FREIRE, p. 45) e atualizada para poder cumprir seu papel. A memória organizacional estruturada permite uma análise da forma como a instituição está organizada. Assim, pode-se inferir o que é preciso fazer, quais ações dão certo e quais já foram utilizadas e não lograram êxito, quais áreas estão carentes, tanto de material quanto de pessoal, e quais estão em bom funcionamento.

A análise da instituição e os produtos que surgiram a partir dessa análise devem estar armazenados de forma que possam ser acessados (ibidem p.49), para que as indicações que foram feitas sejam implantadas para a melhoria do funcionamento da instituição produtora.

Reunir informações pontuais e dispersas de uma instituição é uma importante estratégia de autoconhecimento. Camargo e Goulart (2015, p. 43) sinalizam que essa estratégia, quando tem finalidade retrospectiva, pode mostrar relações e tendências até então não conhecidas. A análise da origem de tradições ou atividades pode colaborar para o reconhecimento e revalorização da instituição.

Princípios da Administração Científica (Taylor, 1911) é utilizado por Camargo e Goulart (ibidem) para analisar a importância de um ordenamento do conhecimento institucional. É fundamental a estrutura de organização para que haja formas de especializar as funções e padronizar as atividades. Dessa forma, a instituição pode se autoanalisar e trabalhar para melhorias no desenvolvimento de suas atividades.

Para Costa (1997, p.51), a memória organizacional é um meio de recuperar, no presente, conhecimentos do passado, e essa recuperação aponta maior ou menor eficiência organizacional. Assim, a maneira como a instituição se organiza internamente possibilita, ou não, a recuperação de conhecimentos que indicam como agir frente a situações, tendo em vista melhor desenvolvimento institucional.

Dessa forma, podemos dizer que a memória organizacional é voltada para o desenvolvimento e conhecimento próprio da instituição, por meio da memória de seus membros, documentos e pela maneira como se organiza e disponibiliza o conhecimento a seu respeito internamente.

2.3 Memória Institucional

As informações geradas, acumuladas e armazenadas por uma instituição – sua memória organizacional - são matéria-prima que compõe a memória institucional.

Rueda (2011, p. 85) indica que a memória institucional começou a ser pensada na década de 1970. Nessa época as empresas perceberam a importância da preservação da memória para que pudessem crescer e se firmar na sociedade.

Costa (1997, p. 138) se refere à memória institucional como um conceito híbrido, que engloba a repetição e o novo. A repetição é o conjunto de ações que são praticadas repetidamente, que compõem a rotina da instituição. Já o novo são as atualizações pelas quais a instituição passa. A atualização de valores, regras e comportamentos das instituições também fazem parte de sua memória e são importantes para entender sua trajetória.

Barbosa (2010, p.2) confere à memória organizacional o papel de reforçar o vínculo dos indivíduos com a instituição, a fim de propiciar a sensação de pertencimento, que nos dias atuais está se tornando rara. Barbosa aborda, ainda, a questão da efemeridade das coisas, fato que faz com que esse sentimento de pertencimento não se firme nos indivíduos que compõem uma instituição.

Ao constituir uma identidade a partir das memórias de seus membros, a instituição faz com que todos eles, tanto os atuais quanto os que já se desligaram, sintam-se protagonistas da história institucional (Camargo e Goulart, p. 81). A memória de uma instituição é o que dá base para que ela se firme na sociedade em que está inserida (ibidem, p.145). São os membros da instituição que compõem e selecionam o que ficará na sua memória, tornando-a multifacetada.

Para Silva (p.2), a memória institucional é o conjunto de memórias individuais das pessoas que compuseram a história da instituição. O trabalho de recuperação dessas memórias e registros é uma tarefa complexa e demanda tempo, porém é necessária para conhecer melhor a história e a trajetória das instituições.

Cada vez mais, há uma necessidade maior das instituições se mostrarem e se justificarem perante a sociedade. A memória é ferramenta de disseminação das ideias e valores institucionais (SILVA, p.1). Por meio da memória de uma instituição é possível analisar sua forma de se posicionar frente a diversas situações, assim como é ferramenta de autoconhecimento para que a própria instituição possa rever seu passado e planejar o futuro.

Ao tratar a memória como reputação de uma instituição, Nassar levanta a necessidade que as instituições têm de mostrar à sociedade sua importância e suas contribuições ao longo do tempo. Assim, a memória serve de suporte para a legitimação social, legitimação essa que serve como forma de proteção nas horas

ruins. Quando uma instituição está legitimada em uma sociedade, ela recebe respaldo para continuar sua atuação ali.

É necessário que a instituição tenha consciência de que aquilo que é selecionado para compor sua memória, assim como suas atitudes e posições ideológicas, deve chegar ao seu público para que sua imagem seja construída, afirma Silva (p. 3). Para isso é necessário que haja uma estruturação e organização interna da instituição e um planejamento de comunicação.

A comunicação se encarrega de fazer com que a imagem e a identidade da instituição penetrem na sociedade, transmitindo o que é feito, mostrando quais os caminhos percorridos e qual sua importância para o meio em que está inserida. (ibidem) Dessa forma, a memória é ferramenta fundamental para que a comunicação a respeito da instituição seja feita de maneira mais eficaz possível.

2.4 Centros de Memória

Centro de memória é definido por Camargo e Goulart (2015, p. 91) como sendo:

lugar para o qual convergem (ou deveriam convergir) informações relevantes para o funcionamento de determinada organização, o centro de memória não deixa de ser uma espécie de metáfora da matriz ou da fonte capaz de lhe oferecer os nutrientes de que necessita para sobreviver e crescer.

O centro de memória é assim uma ferramenta de memória institucional, um espaço onde os principais fragmentos da história se reúnem e montam o mosaico que permite compreender aquela instituição.

Os materiais de apoio, como documentos produzidos pela própria instituição ou por pessoas de fora, mas que dizem respeito a ela, complementam as atividades desenvolvidas pelo centro de memória. O material produzido por pessoas não ligadas diretamente à instituição pode compor o acervo, conferindo outro olhar sobre a atuação da instituição, como esta é percebida pela sociedade na qual está inserida, servindo como fontes de pesquisa interna ou externa.

Camargo e Goulart (2015, p. 95) chamam atenção para o fato de, hoje em dia, não se considerar documentos digitais como documentos integrantes de

acervos. A rápida produção e divulgação de documentos na internet dá a falsa sensação de que está tudo registrado e armazenado em algum meio. Porém, essa sensação de que tudo está preservado é arriscada, pois essas informações podem se perder em meio a tantas outras que a cercam, e não alcançar o objetivo a que se propuseram.

Com a rápida produção e divulgação de informações acerca das atividades desenvolvidas pelas instituições, sem o devido tratamento de guarda e recuperação, o risco de perdê-las é grande, pois, quando perdem o seu valor de uso, parecem perder seu sentido, dispersando-se entre tantas outras informações e documentos.

Devido às rápidas mudanças que acontecem nas sociedades atuais, as relações sociais estão cada vez mais efêmeras. O grande fluxo de informações, a alta e constante exposição e a sensação de fazer parte de diversos grupos sociais ao mesmo tempo, torna mais difícil a criação de laços de identidade e o desenvolvimento de tradições e costumes. Esses são fatores que influenciam a constante busca pela sensação de pertencimento e identificação com um grupo (BARBOSA, 2010, p. 2).

Segundo Halbwachs, a identidade de um grupo é o reflexo do que foi selecionado ao longo da história para construir sua memória. Assim, a memória se apresenta como base para a formação da identidade de um grupo. (ibidem p. 5). É também por meio da memória coletiva que se reforça o sentimento de pertencimento e coesão desse grupo.

Os centros de memória surgem muitas vezes por necessidades comemorativas, no entanto, não é somente a celebração do passado que fundamenta a sua existência. A relação do passado com as mudanças do presente confere legitimação e prestígio às instituições, principalmente às mais antigas, as quais possuem maior acervo de memória e estão há mais tempo a serviço da sociedade.

O centro de memória não é, e não deve ser, ferramenta exclusiva para os setores que tomam decisões ou áreas de comunicação. Camargo e Goulart (2015, p. 100) apontam que o centro de memória envolve todas as áreas de uma

instituição. Para que isso ocorra, é preciso que todas as áreas se sintam ali representadas.

Para o desenvolvimento de um centro de memória é preciso saber destacar não só os eventos marcantes, mas também os eventos cotidianos que permitiram com que aquele evento chegasse a ocorrer.

A organização do acervo depende do conhecimento que se tem acerca da trajetória da instituição. É preciso analisar essa trajetória por meio das relações que as atividades desenvolvidas têm entre si. Camargo e Goulart (2015, p. 104) indicam que se faça o caminho antirrelógio – do presente para o passado –, a fim de compreender e explicar as configurações embrionárias da instituição.

É necessário ao responsável pelo centro de memória conhecimento das rotinas da instituição. Esse conhecimento permite que sejam selecionados materiais capazes de contar a história da instituição, assim como organizar de forma compreensível a seu público.

É imprescindível que haja seleção do que deve, ou não, ser preservado. Vale reforçar que, apesar de haver inúmeras vantagens no armazenamento *on-line*, ele por si só não garante que as informações sejam armazenadas e passíveis de recuperação. E, ainda que o espaço virtual tenda a dar a sensação de que tudo pode ser guardado, não se pode esquecer de fazer a seleção do que é realmente importante para a memória da instituição.

Selecionar diversas versões de um mesmo acontecimento, assim como conflitos internos de interesse, passos certos e errados, pontos altos e baixos, dão credibilidade, tanto interna quanto externamente, à instituição.

2.5 Tradições

A invenção das tradições foi percebida com mais frequência nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial. Novos ou antigos grupos sociais, que passaram por mudanças, precisavam de instrumentos que mantivessem a coesão do grupo. Mesmo com incentivo político para a construção de tradições, elas só se estabelecem quando há identificação e adesão social (Hobsbawn, 1997, pp. 271-272).

Hobsbawn define tradições inventadas como:

Conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (ibidem, p.9)

Embora costumeiramente tratados como semelhantes, os conceitos de tradição, costume e rotina são diversos e cada um tem sua característica. As tradições têm como característica a invariabilidade, enquanto o costume se atualiza e renova para acompanhar a realidade da comunidade, sem se distanciar do conceito original. A rotina, diferente da tradição e do costume, é um conjunto de hábitos desenvolvidos sem função simbólica, com justificativa técnica, enquanto a tradição se justifica por meio ideológico.

Analisar a origem de uma tradição se torna mais fácil quando ela é inventada e estruturada por um único iniciador, como é o caso do Movimento Escoteiro (ibidem p. 10).

O Movimento Escoteiro se cria e recria em suas tradições. Uma das mais relevantes tradições escoteiras é o cumprimento de canhota.¹⁰ Em uma de suas missões no continente africano, B-P foi apresentado à tradição de uma tribo local: ao se encontrarem, os guerreiros abaixavam o escudo que carregavam com a mão esquerda e se cumprimentavam. Essa atitude demonstrava confiança, já que se desarmavam para realizá-la.

No Brasil, além do cumprimento de canhota, trançam-se os dedos mínimos. Uma das possíveis origens dessa tradição é de influência alemã: durante a 2ª Guerra Mundial, Hitler proibiu o escotismo no país e criou um movimento de jovens que servia a seus princípios. Os escoteiros reprimidos criaram o entrelaçar dos dedos como forma de identificação.

É importante ressaltar que as tradições inventadas não são o que aconteceu de fato, e sim o que foi selecionado e institucionalizado pelos responsáveis por criar a memória de um povo, grupo ou comunidade. Para entender as tradições de uma

¹⁰ Tradição escoteira onde se utiliza a mão esquerda para cumprimentar outro membro do Movimento.

comunidade é imprescindível que se conheça o contexto histórico em que ela surgiu ou foi criada. A história legitima as ações e tradições de um grupo.

Outra tradição do Movimento Escoteiro são os grandes acampamentos, chamados de *Jamboree*. Em 1920, aconteceu em Londres o primeiro *Jamboree* Mundial, com escoteiros de diversos países. Desde então, esse acampamento ocorre a cada quatro anos, só deixando de ocorrer durante o período da 2ª Guerra Mundial e em 1979, quando ocorreria no Irã e foi cancelado devido à revolução ocorrida naquele País.

No Brasil, o primeiro *Jamboree* Nacional Escoteiro foi realizado em 1998, na cidade de Navegantes/SC. Desde então, o acampamento já aconteceu em Caucaia/CE, Brasília/DF, Foz do Iguaçu/PR, Rio de Janeiro/RJ e Natal/RN.

2.6 A importância da memória para o Movimento Escoteiro

Como apresentamos anteriormente, a memória institucional é um dos meios de legitimação de uma instituição na sociedade. Usaremos a reflexão de Nassar sobre a memória empresarial para explicarmos a importância da memória institucional no Movimento Escoteiro. Para Nassar, ao manter boa imagem e memória, a empresa garante ter boa reputação perante a sociedade e seu público, conseguindo, assim, apoio social para se manter atuando. Fazendo uso de suas palavras:

A empresa que tem a intenção de se perpetuar no mundo de hoje, com vistas para o futuro, deve inescapavelmente legitimar suas atitudes, ações, posturas e, especialmente, ter consciência e dar conhecimento dos impactos de suas atividades no passado, no presente e no futuro em diferentes níveis, do comercial ao social.

Apesar de antigo e já consolidado no Brasil, muitas pessoas não conhecem o Movimento Escoteiro nem sua importância para a sociedade. Para que isso seja sanado, a própria instituição e seus membros precisam conhecer não só o que é feito agora, no presente, mas conhecer sua história, trajetória e quais caminhos foram tomados para que ela tomasse tamanha dimensão e importância social nos dias de hoje.

Para que a instituição se conheça é preciso ter acesso a seus documentos, registros, fotos e também relatos de quem a conhece e tem histórias e informações que contribuam para a construção de sua memória e identidade. Essas informações, além de contribuírem para o desenvolvimento da memória interna da instituição, contribuem também para constituir uma memória a ser disseminada na sociedade.

Além de legitimar o Movimento Escoteiro, a memória da instituição é importante também para o conhecimento institucional. Quando há uma estrutura sistematizada da memória, a instituição tem acesso a sua história, e pode analisar sua trajetória e identificar quais estratégias colaboraram para o seu desenvolvimento, qual foi o seu posicionamento em determinadas situações, em quais contextos ocorreram as mudanças.

O Movimento Escoteiro tem como missão contribuir com a educação dos jovens, a fim de construir um mundo melhor. Por meio do método escoteiro, os jovens são incentivados a confiarem em si mesmo, se tornarem agentes de seu próprio desenvolvimento e tomarem consciência de seu papel social. Com a realização de atividades, mutirões e projetos, o ME proporciona aos jovens um estilo de vida que colabora para que eles se tornem cidadãos melhores, conscientes de suas responsabilidades.

Um exemplo da influência que o escotismo tem na vida dos jovens é a história de Caio Vianna Martins. Em 1937, Caio entrou para o Grupo Escoteiro Afonso Arinos, em Belo Horizonte. No ano seguinte, em dezembro de 1938, Caio e outros membros de seu Grupo Escoteiro estavam em uma excursão técnico-cultural de trem para São Paulo. Durante a madrugada da viagem, o trem em que estavam se envolveu em um acidente, colidindo de frente com outra composição. Na busca por feridos no acidente, os escoteiros encontraram o Escoteiro Gerson Issa Satuf e o Lobinho Hélio Marcos, que não resistiram ao acidente. Para ajudar as demais vítimas, os escoteiros fizeram macas usando lençóis e pedaços de paus e usaram tábuas retiradas dos vagões para fazerem uma fogueira e iluminar o local. Caio sofreu uma forte pancada na região lombar e foi retirado do trem por outros escoteiros. Quando o socorro chegou – cinco horas após o acidente -, Caio apresentava sinais de melhora, e preferiu ir andando para Barbacena, cidade para onde os feridos estavam sendo levados, e deixar a maca para alguém que estivesse

em estado mais grave que o seu. Ao chegarem à cidade, Caio deu sinais de hemorragia interna que estava tendo e foi levado para a Santa Casa. Caio não resistiu e morreu na madrugada seguinte.

Essa história é muito conhecida no Brasil e alguns grupos escoteiros levam o nome de Caio em homenagem a sua atitude de pensar primeiro nos outros, um dos valores que é passado no Movimento Escoteiro. O estádio de Niterói-RJ também recebeu o nome do Escoteiro (BOULANGER, 2014, pp. 609-612).

Além de informações sobre o escotismo e as mudanças que ocorreram ao longo de sua trajetória, a memória escoteira é composta também por histórias de seus membros. São essas histórias que conferem sentido ao que é proposto nos manuais.

3 A MEMÓRIA NO MOVIMENTO ESCOTEIRO

Neste capítulo buscamos contextualizar a memória no Movimento Escoteiro Brasileiro. O primeiro passo foi entrar em contato com as Regiões Escoteiras por meio de telefonemas aos números disponibilizados no *site* oficial dos Escoteiros do Brasil. Muitos contatos estavam desatualizados, o que dificultou essa etapa da pesquisa. Conseguimos contato apenas com onze, das vinte e sete unidades da federação. Comentaremos o resultado desse levantamento adiante.

Em seguida, apresentaremos o Centro Cultural do Movimento Escoteiro, que está localizado na cidade do Rio de Janeiro. O espaço, que é mantido pela Marinha do Brasil com apoio dos Escoteiros do Brasil, tem a missão de preservar e difundir o Movimento Escoteiro no Brasil.

Após, abordaremos dois livros: “Tendências no Mundo de Hoje: Estratégia Educacional” e “A União: A história da Chegada do Escotismo no Brasil e dos 90 anos da UEB”. O primeiro ressalta a importância de conhecer o contexto social e as mudanças que ocorrem na sociedade para poder planejar o futuro. O segundo conta a história do escotismo no Brasil, desde sua chegada até o ano de 2014, ano em que se comemoraram os 90 anos dos Escoteiros do Brasil.

Apesar de estar presente e institucionalizado há mais de 90 anos Brasil, o escotismo daqui não possui uma política formalizada de preservação da memória institucional. Porém, ao estudarmos a instituição, notamos que há estratégias que colaboram para a divulgação da memória dos Escoteiros do Brasil. No decorrer deste trabalho apontaremos essas estratégias.

Outro dado que julgamos importante para o estudo da memória do Escotismo brasileiro é a preocupação que os Grupos Escoteiros têm com a preservação da memória. Nessa etapa, buscamos informações de Grupos antigos e tradicionais nos *sites* e páginas oficiais do *Facebook*, a fim de acharmos informações acerca do assunto. A partir dessa busca, identificamos cinco grupos para ao quais enviamos formulários com questões que nos ajudarão a compreender a importância da memória dentro de grupos escoteiros. Analisaremos as respostas de três grupos: GE Almirante Tamandaré – 46 SP, GE Professor Luiz Soares – 12 RN e GE São Paulo – 1 SP.

Por fim, com base no que foi estudado no capítulo I e no decorrer deste capítulo, propomos uma reflexão de constituição de um centro de memória para o Grupo Escoteiro Ave Branca.

3.1 Levantamento de Regiões Escoteiras brasileiras que têm material histórico sobre escotismo

O Escotismo está presente nas 27 unidades da Federação. Por meio de contato telefônico – números disponíveis no *site* oficial dos Escoteiros do Brasil – buscamos contato com cada Região Escoteira. Com as respostas obtidas, pudemos perceber que são poucas as que têm preocupação com a preservação da memória escoteira regional.

As informações que obtivemos foram:

Rio de Janeiro: A Região do Rio de Janeiro abriga o Centro Cultural do Movimento Escoteiro, na capital do Estado, onde mantém em exposição livros, documentos textuais, vestimentas, fotografias, objetos, distintivos e manuais.

Minas Gerais: Na sede, em Juiz de Fora, está o acervo que conta a história do Escotismo em Minas, como diplomas, troféus e documentos da fundação de todos os grupos escoteiros da região. Atualmente, esse acervo está sendo catalogado por historiadores voluntários, que farão um livro depois que o trabalho for concluído.

Paraná: O Escritório escoteiro fica em Curitiba e possui alguns documentos, porém estão arquivados e indisponíveis ao público.

Santa Catarina: O Escritório, em Florianópolis, possui quadros, livros, troféus e outros objetos, todos encaixotados.

Distrito Federal: o Escritório Regional possui um museu com quadros, fotos, presentes recebidos de outras regiões, troféus e certificados. Há, também, uma biblioteca especializada no escotismo.

Maranhão: A sede regional, em São Luis, possui dessa regional documentos que estão sendo organizados por um historiador voluntário – não nos foi informado o nome do voluntário-.

Rio Grande do Norte: Em Natal, o Grupo Escoteiro Professor Luiz Soares possui um museu – assim denominado por eles – que conta a sua história e também a da antiga associação da qual fazia parte, por meio de objetos, livros e documentos textuais.

São Paulo: O Escritório Regional, localizado na cidade de São Paulo, possui biblioteca especializada e quadros.

Mato Grosso do Sul: o material histórico ainda está encaixotado, pois a sede – na cidade de Campo Grande – é nova e ainda não houve tempo de analisar o que existe nas caixas.

Não conseguimos manter contato com as demais Regiões.

Tabela 1. Regiões Escoteiras e Preservação de Material Histórico

SIM	NÃO	SEM INFORMAÇÃO
PR	RS	ES
SC	MT	GO
MG	AM	AC
RJ		RO
SP		RR
DF		PA
MS		AP
MA		TO
RN		AL
		SE
		BA
		PI
		CE
		PB
		PE

Fonte: Elaboração própria.

Um exemplo de como a memória no movimento escoteiro nem sempre é valorizada está no livro “Para que não se dê por passado – O escotismo gaúcho de 1968 a 1982” de Antonio Carlos Hoff . Em 2002, Hoff soube que o material histórico – inquéritos de afastamentos de pessoas do Movimento Escoteiro, documentação trabalhista dos funcionários, cópias de documentos das propriedades dos GEs, fotografias – da Região Escoteira do RS tinha sido depositado nos fundos do Campo

Escola dos Escoteiros, no Parque Saint Hilaire. Pouco tempo depois, Hoff começou a organizar e higienizar esses documentos e sentiu necessidade de disseminar essas informações. De início, Hoff pretendia relatar nos livros apenas suas experiências e vivências que identificara naqueles documentos, mas quanto mais estudava esses documentos, mais notava que a história da Região do RS devia ser contada por todos os atores dessa história. No prefácio, o autor diz que duas principais motivações o levaram a escrever o livro: a primeira foi histórica; a segunda tem relação com o momento pelo qual a Região Escoteira do Rio Grande do Sul estava passando naquela época. Hoff tinha esperança de que seu livro fosse um elemento comparativo do escotismo na região e servisse de fonte de indignação positiva, que fizesse com que os membros do escotismo gaúcho tomassem iniciativas para que o escotismo regional superasse as crises e voltasse a ter sucesso.

3.2 Centro Cultural do Movimento Escoteiro

3.2.1 A História do Centro Cultural do Movimento Escoteiro

A ideia de constituição de um lugar onde a memória escoteira fosse preservada surgiu com jovens do Clã de Pioneiros do 19º GE Católico São Pedro de Cascadura, do Rio de Janeiro, em 1983. Esses jovens já se questionavam sobre a forma como o Movimento Escoteiro permaneceria atuante sem que houvesse registro, preservação e divulgação de sua memória.

Com esse pensamento, os jovens fizeram o projeto do “Acervo Cultural do Movimento Escoteiro”. Em novembro de 1983, durante a segunda assembleia para tratar do assunto, o Comissário Regional Bryan Cullen Sampaio Vianna declarou que a União dos Escoteiros do Brasil apoiava o Projeto.

Em novembro de 1985 foi realizada uma reunião na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ -, para apresentação do “Projeto Cultural do Movimento Escoteiro”. No ano seguinte, o Reitor da Universidade assinou um Convênio de Comodato cedendo salas da Universidade para o Projeto. A Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social – MUDES – enviou estagiários para fazer a catalogação das peças que compunham o acervo. No final

do ano de 1986 foi formulado o Regulamento, alterando o nome da instituição para Centro Cultural do Movimento Escoteiro – CCME-.

O primeiro Conselho Deliberativo do CCME foi formado em 1987. No mesmo ano, foi aprovado o Estatuto que confere autonomia jurídica e administrativa ao Centro Cultural. Ainda nesse ano, foi enviado Ofício a todas as Regiões Escoteiras, informando sobre a criação do CCME, e juntamente um convite para que as Regiões colaborassem com formação da história do escotismo brasileiro, por meio de envio de informações que elas detivessem.

Os anos finais da década de 1980 e os iniciais da década seguinte foram marcados pela busca de uma sede mais acessível para o Centro. Em 1991, a Marinha do Brasil acolheu o Centro Cultural do Movimento Escoteiro fornecendo, além de salas para sua instalação no centro da cidade do Rio de Janeiro, apoio institucional.

Entenda a relação da Marinha do Brasil com o escotismo nacional a seguir.

3.2.2 A Relação da Marinha do Brasil com o Movimento Escoteiro

O Movimento Escoteiro chegou ao Brasil por meio de militares da Marinha do Brasil, que estavam servindo ao País na Inglaterra quando o escotismo foi fundado, em 1907. Os militares se empenharam em difundir o escotismo no Brasil, trazendo materiais e uniformes produzidos na Inglaterra.

Em 1919, a Missão José Bonifácio, realizada por militares da Marinha do Brasil comandados por Frederico Villar, percorreu o litoral do País formando colônias de pescadores, agrupando aqueles que viviam afastados, e criando escolas para que seus filhos pudessem frequentá-las. A importância dessas colônias foi notada durante a Primeira Grande Guerra Mundial, quando os pescadores auxiliavam os militares passando informações, observando o mar e oferecendo alimentação aos militares (TORRICELLI, 2003).

Ao chegarem a Belém, no Pará, os militares foram convidados pelo tenente Benjamim Sodré a comparecerem à primeira cerimônia de Promessa Escoteira do Estado. Após a cerimônia, os militares convidaram os escoteiros a conhecerem o navio da Missão. Ao verem como os meninos tinham habilidades com as

embarcações, por terem sido criados em regiões ribeirinhas, o tenente Benjamim Sodré, os Comandantes Frederico Villar e Gumercindo Loretti, junto com demais militares, decidiram criar os Escoteiros do Mar – modalidade já pensada e difundida por B-P, mas ainda não estruturada no Brasil -. (ibidem)

A partir do ocorrido em Belém, a Missão orientou que fossem fundados Grupos Escoteiros do Mar em todas as escolas criadas nas colônias que haviam formado. Assim, foram criados os Grupos Escoteiros do Mar e, em 1921, a Confederação Brasileira de Escoteiros do Mar. Foi por iniciativa dessa Confederação e dos Escoteiros Católicos que, em 1924, foi criada a União dos Escoteiros do Brasil, com sede no Clube Naval, na cidade do Rio de Janeiro.

3.2.3 O CCME atualmente

Atualmente a diretoria do CCME é formada por Presidente da Assembleia, Presidente do Conselho Diretivo, Diretor Presidente, 1º Diretor Vice-Presidente, 2º Diretor Vice-Presidente, Diretora de Acervo, Diretora de Escotismo do Mar, Diretora Cultural e Diretor Administrativo.

O CCME conta com o apoio de cinco instituições: a Marinha do Brasil, Diretoria de Portos e Costas, Escoteiros do Brasil, Abrigo do Marinheiro e Escola Naval. A Marinha, além de ceder espaço físico para o Centro Cultural, custeia despesas fixas, oferece suporte para atividades e acampamentos, e quando necessário, realiza manutenções no espaço.

A missão do Centro Cultural do Movimento Escoteiro é definida como:

A missão do CCME é resgatar, preservar e difundir a memória e a cultura do Escotismo Brasileiro. Contribuindo por meio de pesquisas científicas, obras literárias e eventos, uma maior propagação dos ideais escoteiros criados por Lorde Baden – Powell.

E tem como visão:

Ser o Centro de Referência no Brasil, no que concerne a preservação e divulgação da memória do Escotismo Brasileiro. Por meio de parcerias com órgãos culturais, de educação, governamentais ou privados.

Desde 1987, quando as regiões escoteiras foram convidadas a colaborar com a construção da memória institucional escoteira, o CCME recebe doações para a formação de seu acervo.

Hoje, o CCME possui uma biblioteca, uma sala de acervo e duas salas de exposição: a Sala Baden-Powell, onde fica a exposição principal, que conta a história do fundador do Movimento Escoteiro e do escotismo no Brasil, e a Sala Benjamim Sodré, que recebe exposições temporárias e lançamentos livros. A Biblioteca Comandante Carlos Borba é formada por um conjunto de mais de 3.500 obras – que incluem livros, revistas e periódicos -. O acervo, formado por vestimentas, distintivos, lenços e demais objetos que colaboram para a formação da memória escoteira, fica na sala Gelmirez de Mello. A biblioteca, a sala de acervo e a sala de exposições temporárias receberam nomes de Marinheiros que tiveram grande importância para o Escotismo no Brasil, especialmente na modalidade do Mar.

O CCME é aberto a toda a comunidade, não só de escoteiros. A biblioteca possui mesas, onde os pesquisadores podem manusear os documentos, e computadores com acesso à internet.

Com o objetivo de ser de fato um centro cultural, o CCME oferece cursos e atividades abertos à comunidade, como curso de montanhismo, primeiros socorros e de campanhas financeiras. Esses eventos são divulgados no *site* da Instituição. Embora aberto à comunidade não escoteira, os cursos são relacionados ao escotismo e divulgam o Movimento entre o público que busca informações e participam dos cursos.

3.2.4 Memória Escoteira

“Memória Escoteira” é o periódico divulgado pelo CCME com frequência média de quatro meses. São mais de setenta edições que divulgam histórias, acontecimentos, informações e fotografias sobre o escotismo e informações sobre pessoas importantes para o Movimento Escoteiro no Brasil. Em alguns exemplares também são divulgadas campanhas financeiras para a manutenção do CCME.

Os primeiros exemplares do “Memória Escoteira” trazem escrito ao final: “Instituição sem memória é instituição sem futuro”. Com isso, temos noção da importância dada à memória pelos membros que compõem a equipe do CCME.

Os membros do escotismo podem contribuir com sugestões e artigos para compor o periódico, e essa contribuição, hoje, é facilitada pelo contato virtual com o CCME.

3.3 Produções Literárias

3.3.1 “Tendências no Mundo de Hoje: Estratégia Educacional”

Em 1996, a Região Escoteira de São Paulo publicou a tradução do livro “Tendências no Mundo de Hoje: Estratégia Educacional”, escrito pelo então diretor do Centro de Estudos Prospectivos e Documentação do Bureau Mundial do Escotismo, Dr. Mateo Jover.

Esse livro ressalta a importância do escotismo – em nível nacional, regional e mundial – conhecer o contexto sociocultural no qual o Movimento Escoteiro está inserido. A obra é dividida em três partes: Tendências do Mundo de Hoje, Os Jovens no Contexto Social e Questões Relativas à Mulher.

A primeira parte, Tendências do Mundo de Hoje, é dividida em dois capítulos, denominados “População” e “Contexto Geopolítico Mundial”, que tratam das mudanças que estavam ocorrendo no mundo, decorrentes da globalização, bem como dos impactos já causados e os previstos para os anos seguintes. Em “População” são analisadas questões como aumento da população, aumento da urbanização e as migrações. “Contexto Geopolítico Mundial” aborda o desequilíbrio causado pelo acelerado processo de globalização, que causou o que o autor chama de “desequilíbrio mundial”.

A segunda parte, Os Jovens no Contexto Social, aborda a inserção do jovem no contexto social em cinco capítulos: a) “O Jovem e as Famílias” realiza análises das relações do jovem com a família – e as mudanças do conceito de família -, o processo de socialização das crianças e dos jovens, os meninos de rua – e as consequências que essa fase da vida deles pode causar -; b) “Os jovens e a educação tradicional” aponta as mudanças necessárias na educação para

acompanhar as mudanças que estavam ocorrendo, como conquista de trabalho, alteração no modo de vida das pessoas, e os problemas causados pelo analfabetismo; c) “Os jovens e o mundo do trabalho” apresenta as mudanças e tendências nos setores primário, secundário e terciário decorrentes da globalização, que influenciaram questões como desemprego, trabalho infantil e aposentadoria; d) “Os jovens: valores, lazer e estilo de vida” aborda as religiões e sua influência sobre os jovens, acerca de seus valores e crenças; a saúde, como o uso de bebidas alcoólicas por pessoas cada vez mais jovens; os acidentes, que são a maior causa de morte de jovens - principalmente os homens-; e o estilo de vida que, nas palavras do autor, podem causar “conflito de gerações”, como mudança de pensamento sobre determinados assuntos, maneiras de se vestir e se portar; e) “Mass Media e Comunicações: impacto sobre os jovens” analisa a relação dos jovens com os meios de comunicação. O contato com a televisão, por exemplo, permite que os jovens ampliem seus conhecimentos, mas também tenham acesso a comportamentos que podem influenciar negativamente os seus próprios comportamentos, como o uso de bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos.

A terceira parte, “Questões Relativas à Mulher”, traz a inserção das mulheres na escolarização – o índice de meninas que não tinham escolarização era menor em todos os níveis de educação-; a mulher no trabalho, a busca pela igualdade no mercado de trabalho; e o Estatuto da Mulher.

Ao final de cada capítulo o autor levanta questões para estimular a reflexão sobre a forma como o escotismo pode colaborar para o desenvolvimento dos jovens em todos esses ambientes. Questões como: de qual maneira o Movimento Escoteiro poderia colaborar para que os diferentes povos pudessem conviver melhor?; as associações escoteiras estão preparadas para lidar com as novas formações familiares?; há tempo nas atividades para que os jovens possam conversar com os adultos?; o ME se projeta para a sociedade como movimento educativo ou apenas recreativo?; qual o papel do escotismo no desenvolvimento da capacidade de julgamento e decisão do jovem?; como manter equilibrada a relação homem-mulher no escotismo?

Todas as questões levantadas no livro escrito na última década do século passado são passíveis de análise e estudo nos dias de hoje. Como o escotismo pode colaborar com o crescimento e desenvolvimento dos jovens?

Desde o surgimento do Movimento Escoteiro buscou-se colaborar e incentivar o desenvolvimento dos jovens, e as estratégias utilizadas para alcançar esses objetivos passam por transformações ao longo do tempo para acompanhar as necessidades da sociedade. Vemos nesse livro a necessidade de conhecer a sociedade em que estamos inseridos e os fatos que fizeram com que chegasse ao estágio atual. Essa questão nos remete a outra necessidade: aquela em que cada instituição deve conhecer a si própria e sua trajetória.

É importante que haja registros e informações dessas trajetórias para que as mudanças continuem ocorrendo, sempre seguindo os mesmos princípios, que nos são passados por meio da promessa e da lei escoteiras.

3.3.2 “A União: A história da Chegada do Escotismo no Brasil e dos 90 anos da UEB”

Em 2014 a União dos Escoteiros do Brasil completou noventa anos de existência. Em comemoração ao 90º aniversário da Instituição, foi lançado o livro “A União: A história da chegada do escotismo no Brasil e dos 90 anos da UEB”. O livro foi escrito por Antonio Boulanger, com apoio da Diretoria Nacional.

Boulanger é autor de outros livros com temas escoteiros, como “O Chapelão – Histórias da Vida de Baden-Powell”, “Em meus sonhos volto sempre a Gilwell” e “Um Escoteiro no Caminho de Santiago”. Foi vice-presidente do Centro Cultural do Movimento Escoteiro no período de 2011 a 2014. (Boulanger, 2014, p. 966)

“A União” conta a história do escotismo no Brasil, desde a chegada do Movimento, em 1910, até os dias de hoje. Apresenta a linha do tempo da história da União dos Escoteiros do Brasil com os fatos mais representativos, como o seu surgimento e o caminho percorrido até sua real unificação – fato que levou vinte e cinco anos para acontecer -; o surgimento dos Ramos Lobinho, Sênior e Pioneiro; a história das modalidades de Escotismo do Mar e do Ar no Brasil; a inserção das mulheres do Movimento Escoteiro Nacional; atividades nacionais e internacionais; condecorações escoteiras; as mudanças nos uniformes utilizados pelos escoteiros

no Brasil; a história de Caio Martins; os presidentes da UEB; os Escoteiros Chefes; os Comissários Nacionais; apresenta a lista dos membros que já receberam insígnias máximas; e os censos realizados.

A partir dessa linha do tempo, apresentaremos os acontecimentos que julgamos mais importantes sobre a história institucional e que colabora para o entendimento do escotismo nacional atualmente.

1920: A década é marcada pela criação da União dos Escoteiros do Brasil, com a finalidade de orientar e desenvolver o Movimento Escoteiro no País, representá-lo perante as autoridades e promover atividades nacionais e internacionais. O Estatuto da União dos Escoteiros do Brasil estabelecia que sua sede seria na Capital da República e o presidente institucional seria indicado pelo Presidente da República. Porém, contrariando o dito no estatuto, o primeiro presidente da UEB foi o Ministro da Justiça Affonso Penna Junior, por indicação e convite da diretoria da UEB, tomando posse em 1925.

1925: foi lançado o Guia do Escoteiro (2015, p. 116), manual oficial que continha o Compromisso e o Código Escoteiros e as indicações de como deveriam ser os uniformes dos Escoteiros da Terra e do Mar. Em 1928, Compromisso e Código Escoteiros foram substituídos pela Promessa e Lei Escoteiras – que passaram por poucas alterações até hoje-.

1930: Iniciada em 1929, a crise econômica deu início a uma tumultuada época na história brasileira. Na década de 1930, a UEB passou por diversas dificuldades – perdendo a sede, recursos financeiro e pessoal -, pois muito de seus adultos voluntários deixaram o escotismo para se filiarem a movimentos sociais, como os movimentos comunista e fascista. O Movimento Integralista, fundado em 1932, tinha suas bases no Movimento Escoteiro e usava o programa escoteiro em seu movimento juvenil. Um dos membros do Movimento Integralista justificou sua saída do escotismo na Federação Brasileira de Escoteiros do Mar – FBEM – a qual pertencia, para praticar escotismo brasileiro com jovens brasileiros, diferentemente do escotismo então praticado por ele: escotismo de um chefe inglês para meninos brasileiros.

1939: o Brigadeiro Godofredo Vidal procura os dirigentes da UEB para propor a criação do Escotismo do Ar. Criou-se, nesse ano, o Departamento de Escoteiros do Ar, com regulamento provisório.

1940: Na década de 1940, a barreira a ser superada foi a criação da Juventude Brasileira, programa do governo que tinha como propósito a execução de um programa de educação moral, cívica e física e seria obrigatório em todas as escolas. Esse fato gerou preocupação, pois acreditavam que assim os Escoteiros deixariam de receber apoio governamental, sendo incorporado pelo Programa. Após reuniões com o Ministro da Educação, o Decreto-Lei nº 2.310 de 14 de junho de 1940 incorporou a União dos Escoteiros do Brasil à Juventude Brasileira, permitindo que a União mantivesse sua organização e seu estatuto.

1944: Em 19 de abril é fundada a Federação Brasileira de Escoteiros do Ar. Porém, por não participar das reuniões da UEB, tampouco da elaboração do Regulamento Técnico Escoteiro, a diretoria da UEB declarou a Federação inativa, em 1949.

O final dos anos 1940 foi marcado por inúmeros desentendimentos dos membros do movimento escoteiro que defendiam a real unificação da UEB.

1950: Em abril de 1950 foi realizada a VI Assembleia Nacional Escoteira. Nessa Assembleia foram aprovados os novos Estatutos, nos quais foram criados: Regiões Escoteiras; taxa anual paga à UEB por todos os membros; modalidades da Terra, do Ar e do Mar, as quais tinham prazo para encerrar suas atividades e transferir o que tinha sido adquirido enquanto associações autônomas para a UEB; Conselho Nacional. A diretoria Nacional aprovou nesse ano o distintivo oficial¹¹ – que foi utilizado até 2010 -.

1956: a Federação das Bandeirantes do Brasil é reconhecida como a “entidade máxima do escotismo feminino no Brasil”, pela Lei nº 2.717, de 24 de janeiro de 1956.

1960: Com a transferência da Capital Federal para Brasília, o Conselho Nacional da UEB se reuniu no Rio de Janeiro para alterar o artigo do Estatuto que

¹¹ Confira no anexo 4 as logomarcas utilizadas até essa data.

estabelecia que a sede nacional seria na Capital, a fim de que o Rio de Janeiro continuasse sendo a sede nacional.

1966 e 1967: a UEB passa por dificuldades financeiras devido ao atraso e cortes da subvenção do governo. O relatório anual de 1967 aponta como uma das causas da crise financeira o modo como o escotismo brasileiro desenvolvia suas atividades, de maneira restrita, sem esforço em relações públicas.

1970: Em 1971 o Movimento Escoteiro teve grande destaque na mídia devido à queda do Elevado Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro. Na ocasião, 200 escoteiros auxiliaram os bombeiros no socorro às vítimas e isolamento da área.

1973: comemoração do cinquentenário de Caio Vianna Martins – escoteiro mencionado no capítulo anterior-. Em sua homenagem, 1973 foi declarado o “ano de Caio Vianna Martins”, e todos os membros registrados utilizaram distintivo especial com seu nome.

Permanece a dificuldade financeira e a UEB ainda depende de subvenções governamentais. Para tentar solucionar esse problema, foram criadas duas comissões: uma responsável por analisar o apoio governamental e uma para planejar a construção da sede nacional em Brasília.

1974: comemoração dos 50 anos da União dos Escoteiros do Brasil e transferência da sede nacional para Brasília, com apoio financeiro do governo do Distrito Federal.

1976: durante a 26ª Conferência Escoteira Mundial de Montreal é aprovada a definição de Escotismo como movimento de jovens, sem distinção de gênero, em todos os níveis. O texto anterior definia o Movimento Escoteiro como movimento exclusivo para rapazes.

1980: A década foi marcada pela implantação da coeducação no escotismo.

1980: autorizada, em maio, a criação de cinco tropas experimentais de escoteiras, chefiadas por mulheres.

1981: são criadas as tropas experimentais de guias escoteiras, também com chefia feminina. No final desse ano foi aprovado, pelo Conselho Nacional de representantes, que os grupos escoteiros criassem alcateias mistas ou alcateias de lobinhas. O objetivo era ampliar a relação do escotismo com as famílias e proporcionar uma educação mais adequada aos jovens.

1982: O Conselho Nacional de Representantes aprova o “Documento II: A Coeducação no Escotismo Brasileiro”, que implementava a coeducação em todos os Ramos do escotismo no Brasil, podendo as alcateias e os clãs ser mistos e Ramos escoteiro e sênior apenas tropas exclusivas masculinas e femininas.

1984 a coeducação já estava presente em todos os Ramos do escotismo, e o efetivo feminino representava 10% do efetivo total.

1990: Brasília realiza, em 1991, o I Seminário Nacional sobre os Objetivos Específicos de Ramo. Nesse seminário foram propostas as seguintes áreas de desenvolvimento: caráter e potencialidades; físico; intelectual; social; afetivo; espiritual.

1991: em Reunião Ordinária, o Conselho Nacional revisa o Regimento Interno da UEB. Na mesma reunião é lançado o Projeto Chapada dos Guimarães, que implantava tropas mistas nos Ramos escoteiro e sênior.

1992: A Direção Nacional aprova o MACRO – Método de Atualização Contínua do Programa Escoteiro-.

1996: é aprovada a resolução 002/96, que regulamentou a implantação de tropas mistas nos Ramos sênior e escoteiro.

1997: transferência da sede nacional para Curitiba – onde está até hoje-.

1998: acontece o I Jamboree Nacional, em Navegantes/Santa Catarina. O evento contou com 2.300 participantes, de 15 regiões escoteiras e convidados de outros países.

São publicadas as diretrizes Nacionais para Gestão de Adultos. Vista a necessidade de qualificação dos adultos voluntários do Movimento Escoteiro,

uma das fases desse processo era a formação, compreendida em três módulos: preliminar, básico e avançado.

A Assembleia Nacional desse ano aprova a Definição, Propósito e Princípios, que compunham os Fundamentos do Escotismo. Nesse ano também foi lançado o Projeto “UEB – 2001: É tempo de crescer”, com o objetivo de estimular o crescimento dos grupos escoteiros.

1999: a Diretoria Nacional passa a ser chamada de Conselho Administrativo Nacional-CAN-, e o Escritório Nacional de Diretoria Executiva Nacional – DEN-.

2000: Nesse ano, 38,2% do efetivo total de membros registrados é composto por mulheres.

2001: é criado o Clube Colecionadores Brasileiros de Distintivos Bandeirantes e Escoteiros – CoBras-. Entre os objetivos do Clube está “contribuir para a memória do Movimento Escoteiro e Bandeirante através do colecionismo de memorabilia escoteira em geral”.

2002: é realizado o II Jamboree Nacional Escoteiro, em Caucaia/CE. Participaram do evento 2.600 pessoas, entre elas, representantes de Portugal e França.

2004: são estruturados dois Mutirões Nacionais: o de Ação Ecológica – MutEco – e de Ação Comunitária – MutCom-.

2006: Brasília sedia o III Jamboree Nacional Escoteiro, com efetivo bem menor que dos anos anteriores: 1500 participantes.

2007: é lançado o “Projeto 100 no Centenário” no ano do centenário do escotismo, com objetivo de que cada grupo escoteiro alcançasse a marca de 100 membros registrados nesse ano.

A UEB consegue vaga de titularidade e suplência no Conselho Nacional da Juventude para a gestão 2008-2009.

A Caixa Econômica Federal lança selo comemorativo ao centenário do escotismo.

Fruto da parceria UEB/RN com a Secretaria de Educação, é criado o Projeto Escotismo nas Escolas no Rio Grande do Norte.

2009: é implementado o “seguro escoteiro”, que cobre os membros registrados na UEB contra possíveis acidentes durante atividades escoteiras.

Ainda em 2009, aconteceu o IV Jamboree Nacional Escoteiro, em Foz do Iguaçu-PR, que contou com a participação de 5 mil pessoas vindas de todos os estados brasileiros – exceto Acre – e representantes de Paraguai, Argentina, México, Portugal, Estados Unidos e Japão.

O ano de 2009 também foi marcado pela criação da Diretoria de Métodos Educativos e o Lançamento do Sempre Alerta Eletrônico – periódico enviado mensalmente a membros registrados e parceiros, contendo as atividades realizadas pela UEB-.

2010: ano do centenário do escotismo no Brasil. É lançada a nova logomarca da instituição¹², “que busca ajudar a consolidar a imagem de associação moderna e atuante na formação de jovens”. Em novembro desse mesmo ano, dirigentes nacionais e regionais se reuniram para elaborar o Planejamento Estratégico da UEB 2011-2015.

2012: o Movimento Escoteiro participa da conferência Rio+20, na qual apresentou as ações desenvolvidas pelo Movimento em diversos países acerca da sustentabilidade. No II Encontro de Comunicação dos Escoteiros do Brasil, realizado em Brasília, foi lançado o Manual de Identidade Visual.

2013: é lançado em 2013 o novo vestuário escoteiro após dois anos de estudos em parceria com o SENAI Modas de São Paulo.

A partir do conhecimento da trajetória de uma instituição pode-se compreender sua importância social e de qual forma a própria instituição se apresenta para a sociedade.

A inserção das mulheres no Movimento Escoteiro, as atualizações no Programa Educativo, a modernização dos uniformes, a atualização e padronização da marca são demonstrativos da preocupação dos Escoteiros do Brasil em se

¹² Confira no anexo 5..

manter uma instituição atualizada e coerente com a sociedade em que se faz presente.

3.4 Estratégias de Preservação da Memória

Não há hoje nos Escoteiros do Brasil uma estrutura sistemática formalizada de preservação da memória institucional, porém identificamos algumas estratégias que servem como registro e divulgação da memória escoteira, as quais apresentaremos a seguir.

3.4.1 Relatórios Anuais

Divulgados anualmente na Assembleia Nacional e disponibilizados por meio digital no *site* da Instituição, os relatórios anuais são instrumentos de memória tanto organizacional quanto institucional. Os relatórios relembram acontecimentos, acampamentos, reuniões, mutirões e projetos do ano anterior. Por meio de gráficos são divulgados o efetivo geral, o quantitativo de grupos escoteiros, membros jovens e adultos.

Os relatórios anuais apresentam também o quantitativo de inserções do escotismo brasileiro na mídia. No ano de 2014, por exemplo, foram: 36.852 novas curtidas na página do *Facebook*, 452.483 “Sempre Alerta” enviados, 4.700 notícias na mídia e 1.204.598 acessos ao *site* nacional.

São apresentados, ainda, os pareceres da Comissão Fiscal e o balanço patrimonial, como forma de esclarecimento financeiro aos membros.

Entendemos o relatório anual como uma estratégia de memória que permite aos membros do Movimento Escoteiro ter acesso às informações dos eventos que ocorrem a cada ano, bem como acesso ao censo, que permite análise dos contextos que foram mais ou menos favoráveis para o desenvolvimento do escotismo no Brasil.

O relatório anual de 2013 traz na mensagem dos presidente e vice-presidente do CAN a importância da memória da instituição para a construção de um futuro concreto. “O Conselho Administrativo Nacional, periodicamente renovado, acredita que a união do passado com o presente construirá um futuro sólido para o escotismo no Brasil”.

3.4.2 Ata das Reuniões

As reuniões escoteiras são registradas em atas. Esse costume está presente em todos os Ramos e níveis do escotismo nacional. Como incentivo a essa prática, é atribuída uma pontuação aos registros das reuniões em forma de ata pelos Ramos, a qual é considerada para o cálculo do prêmio de Grupo Padrão – reconhecimento dado aos grupos, que podem ser Ouro, Prata e Bronze -. Essas atas devem ficar na sede do grupo, para evitar que se perca com a saída do membro responsável. Grupos Escoteiros e Regiões Escoteiras também devem registrar as reuniões, principalmente as Assembleias, e divulgar as respectivas atas. Em nível nacional, as atas do Conselho Administrativo Nacional - CAN - e das Assembleias Nacionais, assim como as resoluções do CAN e da Diretoria Executiva Nacional são divulgadas no *site* da Instituição, ficando disponível a toda a comunidade.

3.4.3 Sigue

O Sistema de Gestão de Unidades Escoteiras é a plataforma de registro dos membros do Movimento Escoteiro no Brasil. No Sigue são registradas todas as atividades das quais o jovem ou adulto tenha participado – a lista com todas as informações da vida escoteira é chamada Ficha 120 -. É possível inserir fotos, descrição das atividades das quais os membros participaram, quais condecorações, distintivos e progressões foram conquistados.

O Sigue permite que a Diretoria Nacional realize pesquisas que necessitam da participação dos membros. Ao fazer o *login* no seu Sigue, o membro – jovem ou adulto – tem acesso à pesquisa, podendo responder na hora, adiar ou se abster.

3.4.4 Manual de Identidade Visual

Em 2010, ano do centenário do Escotismo no Brasil, foi lançado o Manual de Identidade Visual – MIV -, com objetivo de colaborar para a consolidação dos Escoteiros do Brasil como instituição moderna. O MIV atualiza e padroniza o uso da logomarca; atualiza o nome pelo qual a Instituição se apresenta informalmente para Escoteiros do Brasil, a fim de transmitir ser uma Instituição acessível; apresenta indicações de como agir em entrevistas a meios de comunicação; forma como as

fotografias devem ser tiradas – é indicado que sejam de membros em atividade, que transmitam a essência do escotismo -.

O MIV é importante instrumento para que a apresentação do Movimento Escoteiro no Brasil seja mais homogênea, a fim de que sua imagem seja construída, firmada e reconhecida pela a sociedade.

3.4.5 Resoluções e Posicionamento

As resoluções apresentam mudanças e normas a serem seguidas. Por exemplo, a resolução 008 de 1995¹³ regulamenta que as publicações sobre o escotismo no Brasil devem passar por aprovação da Diretoria Nacional e, se aprovadas, a editora deverá enviar uma cópia para o Escritório Nacional e uma para o Centro Cultural do Movimento Escoteiro.

Essa medida permite que as obras produzidas a respeito do ME sejam controladas e passíveis de recuperação para maior acesso.

Ao se posicionar frente a um assunto, a Instituição formaliza como aquele assunto será tratado. Atualmente os posicionamentos são divulgados e disponíveis para *download* no *site* dos Escoteiros do Brasil.

O posicionamento permite que entendamos qual foi a opinião da Instituição frente a determinado assunto em determinada época, e assim, possamos compreender a Instituição ao longo do tempo.

3.4.6 Sempre Alerta

Divulgado por meio eletrônico a todos os membros registrados, o “Sempre Alerta” é um periódico da Instituição que apresenta informações dos eventos que aconteceram e estão para acontecer, como mutirões, acampamentos e cursos. Também divulgam Posicionamento da Instituição frente a determinados assuntos, novos produtos da Loja Nacional, notícias relevantes para os Escoteiros do Brasil, reuniões e falecimento de membros importantes para o Escotismo no Brasil.

¹³ Resolução no anexo 6.

3.4.7 Programa Educativo

Os manuais escoteiros apresentam a história do escotismo e da Instituição. Por meio de atividades, os jovens são estimulados a conhecerem a história do escotismo, do seu fundador e a forma como é estruturada a Instituição da qual fazem parte.

Além dessas estratégias, há também os prêmios e reconhecimentos dados aos membros, patrulhas, tropas, grupos escoteiros, regiões escoteiras e aos Escoteiros do Brasil que constituem a memória escoteira.

Com base nessas informações, percebemos que, embora não estejam formalizadas, há diversas estratégias de construção, preservação e divulgação da memória no Movimento Escoteiro. Essas estratégias são instrumentos de memória tanto institucional quanto organizacional, a Instituição se conhece e se faz conhecer por meio dessas estratégias.

3.5 Grupos Escoteiros e suas Memórias

Como visto no Capítulo I, a memória é importante artefato de conhecimento e legitimação de uma instituição. Por meio da memória, a instituição desenvolve laços e adquire coesão entre seus membros. A partir desse pensamento, pesquisamos, por meio dos *sites* e páginas oficiais no *Facebook*, grupos escoteiros que desenvolvem atividades relacionadas à preservação de suas memórias. Como resultado dessa busca, encontramos informações de cinco grupos que têm espaços físicos dedicados à preservação de sua memória.

Para obter informações que nos ajudassem a compreender a importância da memória para os grupos escoteiros, enviamos um questionário¹⁴ aos cinco grupos identificados. Obtivemos respostas de três grupos: Grupo Escoteiro Almirante Tamandaré- 46 SP, Grupo Escoteiro Professor Luiz Soares – 12 RN e Grupo Escoteiro São Paulo – 1 SP.

¹⁴ Confira no anexo 7.

3.5.1 Grupo Escoteiro Almirante Tamandaré - GEAT

Fundado em 1959, o Grupo possui, em sua sede, o “Salão Nobre”, espaço onde são realizadas cerimônias escoteiras especiais, reuniões com autoridades e divulgação do Movimento Escoteiro.

O acervo do Salão é formado por lenços escoteiros, troféus, bandeiras antigas, medalhas, presentes de outros Grupos, fotografias, uniformes, documentos textuais e distintivos de atividades do Grupo. Além da organização por tipologia, eventos, tema, o Grupo desenvolveu uma organização especial para os lenços escoteiros: eles são organizados de acordo com suas cores.

Os lenços expostos no Salão Nobre são adquiridos por meio de troca em eventos nacionais e internacionais – essa troca é uma das tradições do Movimento Escoteiro -, ou por meio de doações.

Anualmente é feita a foto oficial do grupo no acampamento geral, as quais são expostas na parede do Salão Nobre.

A seleção do que será exposto é feita de acordo com a disponibilidade e temática.

Figura 1. Salão Nobre



Para o Grupo,

Essa sala para os membros do grupo é algo orgânico, como se fosse o coração do grupo, ela foi sendo montada aos poucos e sem querer, talvez por isso não leve o nome de museu embora exerça essa função. Os jovens e adultos do grupo costumam levar as pessoas (sejam interessados em ingressar no movimento ou mesmo amigos e parentes) para a sala para exemplificar a grandiosidade do movimento escoteiro através das fotos e lenços ali contidos, 63 em a memória do grupo como parte da própria vida escoteira de cada. (sic)

3.5.2 Grupo Escoteiro Professor Luiz Soares

O Grupo foi criado em 1917 e, em 2012, inaugurou o seu Museu com o objetivo de preservar a memória do escotismo no Rio Grande do Norte – e evitar que o material histórico se perca – e divulgar a história do Grupo.

Figura 2 Museu do GE Professor Luiz Soares



Fonte: <http://canindesoares.com/criado-o-museu-do-escoteiro-do-rn>

O acervo do Museu é adquirido por meio de doações, classificado de acordo com sua origem – se é do Grupo ou não –, e organizado de forma cronológica. Esse acervo é formado por lenços escoteiros, bandeiras antigas, medalhas, presentes de

outros grupos, cartas, fotografias, uniformes, livros, documentos textuais, réplica da antiga sede, utensílios de acampamento, mimeógrafo manual, telefone, disco de vinil, cadeira e instrumentos musicais.

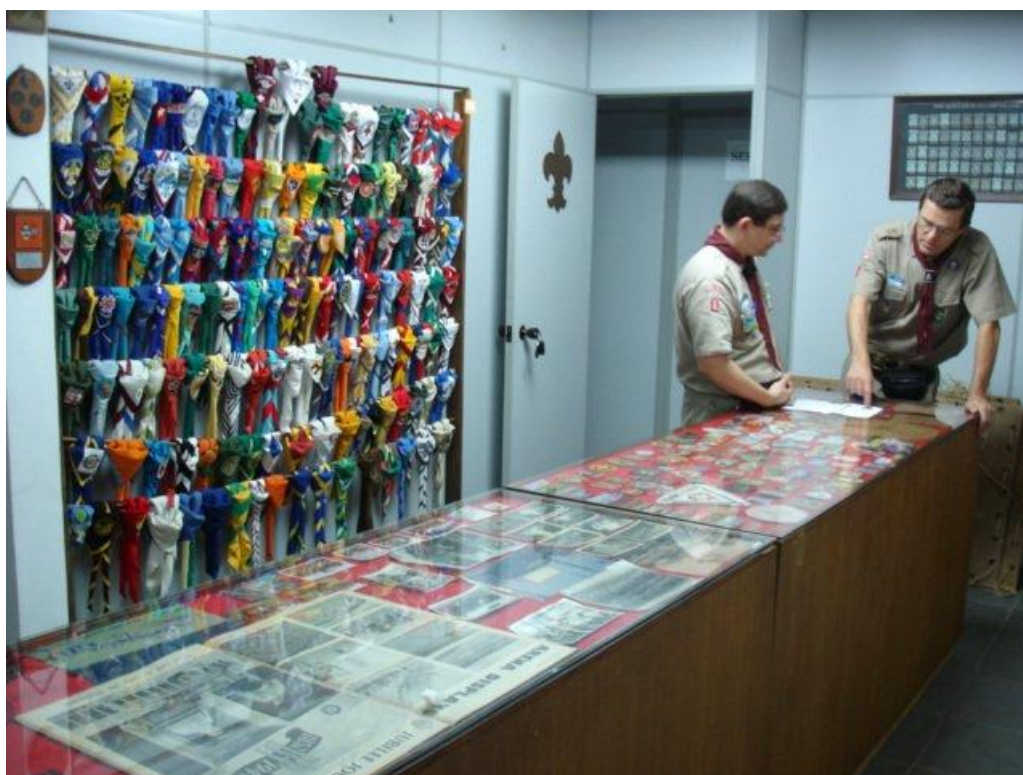
Para o Grupo:

É de suma importância a preservação de nossa história, e um local seguro para preservar nosso acervo. É muito importante a divulgação da nossa memória para que todos conheçam nosso passado glorioso e ampliar os conhecimentos de nossa história centenária. (sic)

3.5.3 Grupo Escoteiro São Paulo - GESP

O Grupo Escoteiro São Paulo foi criado em 1923. Seu museu tem objetivo de preservar o material que foi produzido e acumulado desde sua fundação e ser referência da história do escotismo local e nacional, tanto para a comunidade interna quanto para a externa.

Figura 3 Museu do GE São Paulo



Fonte: <http://www.gesp.com.br/index.php?option=conteudo&Itemid=250>

O acervo é formado por doações de membros do Grupo e documentos acumulados ao longo de sua história, tais como lenços escoteiros, troféus, bandeiras

antigas, medalhas, presentes de outros Grupos, cartas, fotografias, uniformes, livros, documentos textuais, livros de atas e fichas. O acervo é organizado de acordo com a tipologia dos objetos.

Para o Grupo “O museu tem uma importância de destaque dentro da estrutura do GE, tendo em vista os mais de 90 anos de fundação, sendo motivo de orgulho para jovens e adultos”. (sic)

3.5.4 Considerações das respostas

Perguntamos também se os Grupos formalizaram a criação desses espaços por meio de documentos, e, em nenhum dos casos, houve essa formalização. A formalização do espaço, assim como um documento que aponte a forma como o acervo é tratado, selecionado e exposto permite avaliação de como essas atividades são desenvolvidas, possibilitando melhorias e evitando que erros já cometidos se repitam. Documentos de formalização e regulamentação garantem que o espaço continue com suas atividades, mesmo com troca de diretoria e saída dos membros que, até então, foram os responsáveis por sua condução.

Os três espaços analisados têm como responsáveis membros do próprio Grupo Escoteiro e são visitados, em sua maioria, por membros do Movimento Escoteiro. A maior divulgação desses espaços é feita por meio da página do *Facebook* e os interessados podem visitá-los durante as atividades semanais do GEAT e do GESP, ou agendar previamente uma visita ao Museu do Grupo Escoteiro Professor Luiz Soares.

A partir das respostas dos Grupos, inferimos que esses espaços, além de preservar e divulgar a memória do Grupo, proporcionam a seus membros a sensação de pertencimento, demonstrando que cada membro é essencial para a formação da memória do Grupo.

3.6 O Grupo Escoteiro Ave Branca - GEAB

O Grupo Escoteiro Ave Branca foi fundado em 1986, na cidade de Taguatinga no Distrito Federal. Em 2002, mudou-se para o Parque Ecológico de Águas Claras, onde está desde então. A sede escoteira no Parque já passou por mudanças de espaço, perdendo três salas onde eram guardados os materiais utilizados pelos

Ramos durante as atividades. Com isso, foi preciso repensar a organização da sede, para armazenar os materiais escoteiros e os documentos do Grupo. No meio de tantas mudanças, objetos e documentos foram danificados.

Com o objetivo de recuperar informações sobre o Grupo e organizá-las para que os membros possam conhecer mais da história do Grupo, propomos a reflexão acerca da constituição de um centro de memória para o GEAB. Contudo, essa reflexão poderá ser aplicada aos demais grupos escoteiros nacionais.

Camargo e Goulart (2015, p. 103) ressaltam a importância de um mapeamento das atividades desenvolvidas pela instituição - nesse caso, o GEAB - para que o funcionamento do centro de memória se dê da melhor maneira possível. O mapeamento permite o conhecimento da história do Grupo e da origem e importância dos componentes do acervo, possibilitando identificar quais são as melhores maneiras de organização e contextualização desse acervo.

Outro passo importante para a constituição de um centro de memória é a definição de Missão e Visão. Essas definições são importantes guias para o desenvolvimento de todas as atividades do centro de memória.

Assim como Missão e Visão, é importante também que haja documentos que formalizem a criação e regulamentem o funcionamento do centro de memória. Com esses documentos, é possível garantir que, mesmo com trocas de diretoria, o trabalho de preservação da memória do Grupo seja continuado.

É importante também a descrição da forma como os processos de aquisição, seleção, tratamento e organização são feitos, a fim de permitir avaliação, proposição de melhorias e garantir que, mesmo com a saída do responsável pelo desenvolvimento dessas atividades, o trabalho continue a ser desenvolvido.

O centro de memória tem o papel de representar a instituição de forma sistemática, a ponto de ser capaz de responder as mais diversas demandas da instituição. Dessa forma, é importante que o acervo a compor o centro de memória seja selecionado de acordo com o que realmente se deseja preservar, e não a partir da reunião aleatória de documentos. Se assim forem formados, os grupos correm o risco de não alcançarem os objetivos.

O contato com membros, que fazem ou fizeram parte do Grupo, durante a seleção do acervo, além de possibilitar que o centro de memória seja o mais completo possível, proporciona aos membros a sensação de pertencimento e responsabilidade com a memória do Grupo. Essa estratégia pode, também, servir para atrair os antigos membros para o Grupo novamente.

Depois de criado, sugerimos que o centro de memória possua livros de registro de visitação, identificando quem são seus visitantes, e qual a frequência com que recebe visitas. Essa prática possibilitará aferir se o proposto com a criação do centro de memória está sendo alcançado.

Outro fator relevante é que a fomentação e seleção do acervo não sejam interrompidas com a inauguração do centro de memória, a fim de mantê-lo sempre atual e integrado às ações desenvolvidas pelo Grupo.

O centro de memória estruturado é representação materializada da história do Grupo e o legitima perante a sociedade, além de mostrar aos seus membros que eles são parte integrante dessa história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos desenvolver uma análise acerca da reflexão de constituição de um centro de memória para o Grupo Escoteiro Ave Branca – 13 DF. Para isso, apresentamos o Movimento Escoteiro, abordando desde sua fundação na Inglaterra e a chegada ao Brasil, no início do século passado; as mudanças e atualizações ocorridas até os dias de hoje; sua relevância social; e como sua memória é preservada em nível nacional, regional e local.

Para falarmos da memória, recorreremos primeiro à mitologia grega, na qual Mnemosine é deusa da memória, dom inerente ao homem, que lhe permite raciocinar e prever acontecimentos a partir de fatos já ocorridos, diferenciando-se, assim, dos demais seres.

Com base em autores como Le Goff, Halbwachs, Icleia Costa e Paulo Nassar, buscamos compreender os conceitos de memória a partir do século XX. Baseados na revisão de literatura destacamos dois conceitos de memória que nos são fundamentais neste trabalho: memória organizacional e memória institucional.

A memória organizacional desenvolve-se de forma interna, por meio da relação dos membros com a instituição e do cotidiano das atividades realizadas, e serve como base para o autoconhecimento da instituição.

Já a memória institucional é a forma como a instituição se legitima perante a sociedade. A instituição seleciona os fatos que julga mais importantes de sua história para compor a memória que deseja preservar e divulgar para a sociedade. Por meio da memória institucional, podemos analisar a trajetória da instituição e compreender seu papel social.

Produto tanto da memória organizacional, quanto da memória institucional, o centro de memória é instrumento auxiliar de preservação e disseminação da memória de uma instituição. Por meio dele, a sociedade tem acesso à história da instituição, podendo compreendê-la.

Conhecendo os conceitos de memória, procuramos identificar as estratégias desenvolvidas no Brasil para preservar a memória do Movimento Escoteiro. Durante esta etapa, buscamos no *site* oficial dos Escoteiros do Brasil, o contato das Regiões

escoteiras a fim de levantar quais possuem algum tipo de atividade relacionada à preservação da memória. Porém, quinze, das vinte e sete Regiões, estavam com o contato desatualizado, fato que dificultou a exatidão de nossa pesquisa.

Tivemos dificuldades também na recuperação de informações históricas, como a logomarca utilizada entre os anos de 1950 e 2010, no *site* institucional.

Para alcançarmos nosso objetivo principal – a reflexão da constituição de um centro de memória para o GEAB – pesquisamos por grupos escoteiros que desenvolvessem atividades relacionadas à preservação da memória. Como resultado dessa pesquisa, encontramos cinco grupos e lhes enviamos um questionário que nos ajudou a compreender a importância da memória para os grupos escoteiros.

Durante essa etapa da pesquisa notamos o quão difícil é encontrar informações acerca da história dos grupos escoteiros no Brasil. Muitos dos grupos que possuem *site* se dedicam mais à divulgação de atividades atuais do que à divulgação de sua memória.

A partir do levantamento bibliográfico e da pesquisa com os grupos, propomos a reflexão acerca da constituição de um centro de memória para o GE Ave Branca, sinalizando as etapas primordiais para a constituição e manutenção do centro de memória.

É sabido que o Movimento Escoteiro se destaca na sociedade, pelo trabalho desenvolvido com os jovens e seu reflexo na sociedade. Por meio de atividades desenvolvidas em equipe, o escotismo proporciona aos seus membros a sensação de pertencerem a um grupo. Os costumes, as tradições e as rotinas do Movimento Escoteiro são exemplos desse pertencimento. Todos os membros do escotismo fazem parte da história e compõem a memória desse movimento centenário.

De acordo com essas informações e com o que foi estudado ao longo do desenvolvimento desse trabalho, evidencia-se a necessidade da sistematização da memória do Movimento Escoteiro pelos Grupos e pelas Diretorias Regionais e Nacional. A organização sistemática da memória, além de colaborar para a legitimação do Movimento na sociedade, permite a preservação, reprodução e

divulgação dessa memória e mantém nos membros, ativos e inativos, do Movimento Escoteiro a sensação de pertencimento ao Grupo.

A memória institucional quando organizada e sistematizada serve como base para campanhas de *marketing*, avaliação das decisões tomadas ao longo do tempo, e divulgação da instituição.

Percebemos que ainda há muito o que se fazer para obter o melhor aproveitamento da memória do Movimento Escoteiro. Porém, muito já foi e está sendo feito pela preservação da memória escoteira. Se por um lado em nível nacional já existe um centro de memória estruturado e desempenhando o papel de preservar e divulgar a memória escoteira nacional, por outro vemos a necessidade de tornar a preservação da memória uma prática corrente em todos os níveis do escotismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mauricio Barcellos. **Um modelo baseado em ontologias para representação da memória organizacional**, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2006. Disponível em:

<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/premio/UFMG_Almeida.pdf> Acesso em 28 de junho de 2015.

BOULANGER, Antonio. **A União: a história da chegada do Escotismo ao Brasil e dos 90 anos da UEB**.

BARBOSA, Andréia Arruda. **O lugar da memória institucional nas organizações complexas**. Trabalho apresentado no GT Processos, Políticas e Estratégias de Comunicação Organizacional do IV Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. A voz do mar: construção simbólica da realidade dos pescadores brasileiros pela Missão do “Cruzador José Bonifácio”. (1919 – 1924). In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1995, Sergipe. UFS. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/d519140f0ec17a0c2f4abcc2ca9dc2b7.pdf>> Acesso em 28 de junho de 2015

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de memória: uma proposta de definição**. São Paulo: Edições SESC, 2015.

CANTARINO, João Marcos Ferreira; PEREIRA, Danilo Assis. **Memória: da filosofia à neurociência**, Brasília: UniCEUB. Disponível em:

<<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciasaude/article/viewFile/531/352>>. Acesso em: 28 de junho de 2015.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora Ltda. 1989.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem técnico-metodológica**. 1997. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

ESCOTEIROS DO BRASIL. **Escotismo Mundial**. 2009. Disponível em <<http://escoteiros.org.br/downloads/internacional.php>> Acesso em 01 de junho de 2015.

_____. **Escotistas em ação**. Disponível em

<<http://escoteiros.org.br/downloads/escoteiros.php>> Acesso em 01 de junho de 2015.

_____. **Manual de Identidade Visual**. 2010. Disponível em <http://escoteiros.org.br/arquivos/marca/manual_de_identidade_visual.pdf> Acesso em 05 de junho de 2015.

_____. **Princípios Organização e Regras, 2013**. Disponível em: <http://escoteiros.org.br/arquivos/documentos_oficiais/por.pdf> Acessado em 23 de maio de 2015.

_____. **Relatório anual 2013**. Disponível em <http://escoteiros.org.br/downloads/relatorios_anuais.php> Acesso em 23 de maio de 2015.

_____. **Relatório Anual 2014**. Disponível em <http://escoteiros.org.br/downloads/relatorios_anuais.php> Acesso em 23 de maio de 2015.

_____. **Resolução Nacional 008/1995**. Disponível em <http://escoteiros.org.br/downloads/resolucoes_can.php> Acesso em 18 de junho de 2015.

FREIRE, Patrícia de Sá et al. Memória organizacional e seu papel na gestão do conhecimento. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 41-51, jul. 2012. ISSN 2175-8077. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2012v14n33p41/22535>>. Acesso em: 05 Jun. 2015.

FREITAS, Fabiano Junqueira de; BRAGA, Paula Lou Ane Matos. **Questões introdutórias para uma discussão acerca da história e da memória**. [São Paulo]. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao13/materia03/texto03.pdf>> Acesso em: 23 de maio de 2015.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 2º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOFF, Antonio Carlos. **Para que não se dê por passado: O escotismo gaúcho de 1968 a 1982 – Volume I**. Gráfica e Editora RJR. 1º edição 2005.

JOVER, Mateo. **Tendências no mundo de hoje: Estratégia Educacional**". Publicação no Brasil: Região Escoteira de São Paulo: São Paulo, 1996.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do museu**. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/cadernodiretrizes/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf> Acesso em 18 de junho de 2015.

LE GOFF, Jacques et al. **A história nova**. tradução Eduardo Brandão. 5º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **História e memória.** Tradução: Bernardo Leitão. 7º Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MOLINA, Letícia Gorri; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas. *Revista EDICIC*, v.1, n.1, p. 262-276, Ene./Mar. 2011.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. *História e Memória: algumas observações.*

NASSAR, Paulo. **A mãe de todas as responsabilidades.** Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1837029-EI6786,00-A+mae+de+todas+as+responsabilidades.html>> Acessado em 25 de maio de 2015

_____. **Reputação é memória.** Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,OI1243291-EI6786,00-Reputacao+e+Memoria.html>> Acesso em 25 de maio de 2015.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Tradução: Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. 2012.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica.** Universidade da Beira Interior. *Center of Research in Anthropology*. Lisboa

RUEDA, Valéria Matias da Silva et al. **Memória institucional: uma revisão de literatura.** CRB-8 Digital, São Paulo, 2011.

SANTOS, Adenise Cordeiro; FELDENS, Dinamara Garcia. **O “Scouting for boys” abre para mulheres: a implantação da co-educação no escotismo brasileiro.** 2013. Pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação da Universidade Tiradentes. Grupo de Pesquisas Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UNIT), Universidade de Tiradentes, 2013.

SILVA, Gabriela de Mello. **O papel da memória institucional e da responsabilidade histórica na construção da imagem corporativa.**

TORRICELLI, Andre. **História do Escotismo do Mar.** 2003. Disponível em: <<http://www.amigovelho.com.br/biblioteca/Hist%F3ria%20do%20Escotismo%20do%20Mar.pdf>> Acessado em 14 de junho de 2015.

REFERÊNCIAS EM MEIO DIGITAL

CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO. **Biblioteca Comandante Carlos Borba**. Disponível em <<http://www.ccme.org.br/biblioteca-comandante-carlos-borba/>> Acesso em 14 de junho de 2015.

_____. **História**. Disponível em <<http://www.ccme.org.br/ccme/historia/>> Acesso em 14 de junho de 2015.

_____. **Memória Escoteira**. Disponível em <<http://www.ccme.org.br/memoria-escoteira/>> Acesso em 14 de junho de 2015.

_____. **Missão, visão, valores**. Disponível em <<http://www.ccme.org.br/ccme/182-2/>> Acesso em 14 de junho de 2015.

_____. **Sala de Acervo Gelmirez de Mello**. Disponível em <<http://www.ccme.org.br/ccme/sala-de-acervo-gelmirez-de-mello/>> Acesso em 14 de junho de 2015.

ESCOTEIROS DO BRASIL. **Baden Powell**. Disponível em: <<http://escoteiros.org.br/escotismo/baden-powell.php> > Acessado em 31 de maio de 2015.

_____. **Escotismo**. Disponível em: <<http://escoteiros.org.br/escotismo/>> Acessado em 23 de maio de 2015.

_____. **Escotismo no Brasil**. Disponível em: <http://escoteiros.org.br/escotismo/escotismo_no_brasil.php> Acessado em 23 de maio de 2015.

_____. **Olave Baden-Powell**. Disponível em: <http://escoteiros.org.br/escotismo/olave_baden-powell.php> Acessado em 31 de maio de 2015.

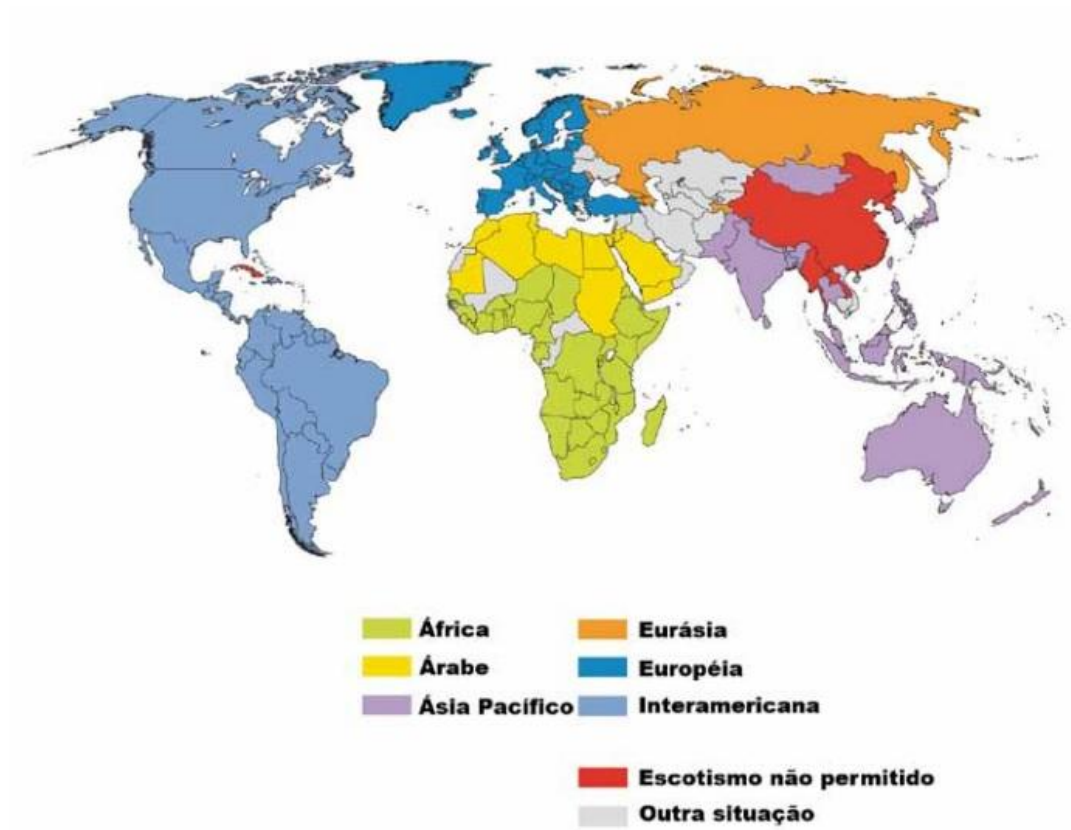
_____. **Release União dos Escoteiros do Brasil Completa 90 anos. Disponível em** <http://escoteiros.org.br/arquivos/imprensa/Release_Uniao_dos_Escoteiros_do_Brasil_completa_90_anos.pdf> Acesso em 01 de junho de 2015.

FEDERAÇÃO DAS BANDEIRANTES DO BRASIL. **Histórico do Movimento Bandeirante**. Disponível em: <<http://www.bandeirantes.org.br/index.php/historico/>> Acesso em 23 de maio de 2015.

GRUPO ESCOTEIRO AVE BRANCA. **Institucional**. Disponível em <<http://geab13.com.br/index.php/institucional>> Acesso em 20 de junho de 2015.

ANEXO 1 – REGIÕES ONDE O ESCOTISMO ESTÁ PRESENTE

AS REGIÕES ESCOTEIRAS



Fonte: Organização Mundial do Movimento Escoteiro

ANEXO 2 – Flor de Lis – Símbolo do Escotismo

Significado do Emblema Escoteiro



Significado das Cores do Emblema Escoteiro

No respeitante a cores, a insígnia do Movimento Escoteiro Mundial tem duas cores:

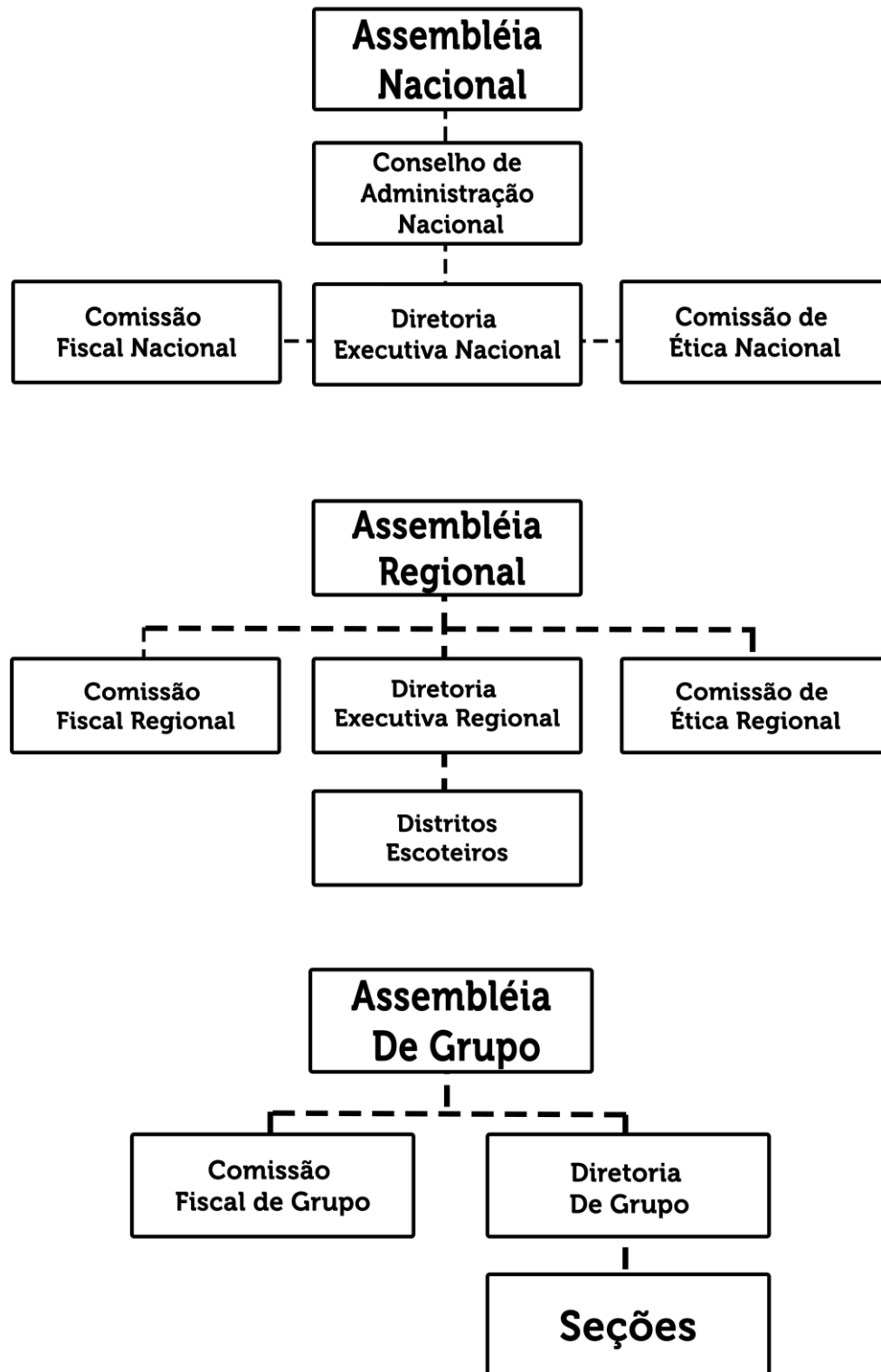


Branco
Representa pureza.



Roxo
Representa liderança e serviço

ANEXO 3 – Organograma da Instituição



ANEXO 4 – Logomarcas utilizadas até 2010

1929



1930



1940



1950



Fonte: Manual de Identidade Visual 2010

**ANEXO 5 – LOGOMARCA UTILIZADA ATUALMENTE PELOS ESCOTEIROS DO
BRASIL**



Fonte: Manual de Identidade Visual 2010

ANEXO 6 – RESOLUÇÃO 008/1995**RESOLUÇÃO NR. 008/95****INSTITUI A POLÍTICA DE PROPRIEDADE
INTELLECTUAL, MARCAS E DIREITOS AUTORAIS DA
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL****COSIDERANDO:**

- a) Que os símbolos e terminologias escoteiras estão protegidas por legislação específicas (Lei 8.828, de 24.01.46), sendo igualmente aplicável à UEB a legislação geral sobre marcas (Lei 5.772, de 21.12.71) e direitos autorais (Lei 5.988, de 14.12.73);
- b) Que, inegavelmente, tais direitos constituem patrimônio da Instituição, cabendo estatutariamente à Diretoria Nacional sua superior defesa e preservação;
- c) Que, a fim de harmonizar normas esparsas e práticas costumeiras, faz-se necessária a edição de um único documento normativo;

A **Diretoria Nacional** em reunião de 02 de novembro de 1995, resolve editar a presente Resolução, de conteúdo abaixo:

APLICAÇÃO

Art. 1º - A presente Resolução regulamenta o uso de marcas e direitos autorais de titularidade da União dos Escoteiros do Brasil, bem como a criação, produção, divulgação, uso e comercialização de todo o material bibliográfico, métodos, insígnias e distintivos, relacionados com o Escotismo, em todo o território nacional.

Art. 2º - Esta Resolução é aplicável a todos os órgãos escoteiros, bem como a todos os associados da União dos Escoteiros do Brasil, aplicando-se também, no que couber, a terceiros que façam uso de marcas, obras intelectuais, terminologias, métodos e insígnia de titularidade da União dos Escoteiros do Brasil.

MARCAS REGISTRADAS

Art. 3º - Todo desenho ou nome registrado em nome da União dos Escoteiros do Brasil é administrado pela Diretoria Nacional, que poderá autorizar seu uso a qualquer pessoa que assim o solicitar, devendo, no instrumento escrito de autorização, fixar as condições gerais da licença de uso.

Art. 4º - O licenciado deverá cumprir estritamente as condições de uso fixadas, utilizando a marca em exata conformidade com o Certificado de Registro de Marca, expedido pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial, a fim de não prejudicar os direitos da Licenciadora.

Art. 5º - Toda e qualquer utilização de marcas registradas deverá fazer consignar, no canto inferior direito da mesma, com razoável destaque R.

Art. 6º - Em se tratando de material impresso, respeitadas as limitações de espaço e clareza, deverá ser consignada a seguinte expressão:

“R é marca registrada da União dos Escoteiros do Brasil”

Art. 7º - O uso da marcas da UEB em mercadorias produzidas com fins comerciais será autorizado mediante o pagamento de taxas de direitos autorais (royalties) em percentual variável de 0 (zero) a 10 (dez) por cento, calculado sobre o preço de venda do licenciado, excluídos os impostos.

Art. 8º - Antes de iniciada a comercialização, o licenciado deverá enviar à Loja escoteira Nacional Ltda, contra recibo ou por SEDEX, para conhecimento e análise, um exemplar da prova de produção do material onde será utilizada a marca licenciada.

Art. 9º - Inexistindo oposição da Loja Escoteira Ltda no prazo de cinco dias úteis contados do recebimento da amostra, a produção e comercialização do material estará autorizada.

Art. 10 - O uso das seguintes marcas registradas da UEB pelos Grupos Escoteiros é ora autorizado genericamente, sem o pagamento de qualquer taxa de direitos autorais:

- .Flor de Lis Oficial da UEB;
- .Cabeça de Lobo (ramo lobinho);
- .Rosa dos Ventos (ramo sênior);
- .Forquilha (ramo pioneiro);

Art. 11 - Os Grupos Escoteiros, na confecção de materiais com as marcas citadas acima, deverão utilizá-las no exato desenho registrado, conforme orientação do Escritório Nacional, a fim de assegurar a proteção legal das mesmas.

Art. 12 - Ficam os Grupos Escoteiros dispensados da obrigatoriedade de enviar exemplar do material produzido à Loja Escoteira Nacional Ltda.

Art. 13 - Não poderão ser objeto de autorização de uso a associados e terceiros, os direitos sobre a Flor de Lis Oficial do Bureau Mundial, que é mantido de uso exclusivo da Diretoria Nacional, de acordo com as Resoluções 10/88 e 29/90 da Conferência Escoteira Mundial.

DISTINTIVOS OFICIAIS

Art. 14 - Os distintivos oficiais do Movimento Escoteiro, assim entendidos aqueles integrantes das etapas de classe de membros juvenis e de formação de adultos, poderão ser produzidos por terceiros, respeitados os seguintes padrões, fixados pela Loja Escoteira Nacional Ltda:

- a. Dimensões, bordas e molduras;
- b. Cor (sistema Pantone) e brilho dos fios;
- c. Qualidade do metal e acabamento
- d. Sistema de fixação à vestimenta;
- e. Qualidade de gravação e/ou estampagem;
- f. Tipologia (letra).

Art. 15 - O documento de autorização emitido pelo Adquirente dos produtos será intransferível e deverá indicar o número de peças produzidas e o prazo para tal produção, além das determinações a respeito do uso das marcas registradas e dos padrões de confecção/produção, dentre outras julgadas oportunas.

OBRAS BIBLIOGRÁFICAS

Art. 16 - Os direitos de autor e demais direitos que lhe são conexos, relativos à obra bibliográfica de Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, bem como aos demais textos oriundos da Organização Mundial do Movimento Escoteiro, são de titularidade, no Brasil, da Diretoria Nacional, sendo vedada a sua publicação por terceiros sem a devida autorização.

Art. 17 - As obras bibliográficas produzidas no país e versando sobre o Movimento Escoteiro deverão ser submetidas, para fins de avaliação de sua adequabilidade aos propósitos do Movimento Escoteiro do Brasil, à prévia análise do Escritório Nacional, que

deliberaria, em parecer fundamentado, sobre a autorização ou vedação, no todo ou em parte, de sua publicação.

Art. 18 - A partir de 1.º de janeiro de 1996, a publicação de livros pela Diretoria Nacional da União dos Escoteiros do Brasil ou terceiros autorizados, deverá fazer constar, em local apropriado, no mínimo, as seguintes informações:

- a. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação;
- b. Índices para catálogo sistemático;
- c. Número, ano e tiragem da edição;
- d. Se é reedição revisada e/ou ampliada, se aplicável;
- e. Nome, endereço e CGC do Editor;
- f. Nome, endereço e CGC da gráfica;
- g. Expressão "Direitos Reservados".

Art. 19 – Deverá, também, fazer constar na primeira página, em destaque, a seguinte expressão, acompanhada do desenho da flor de lis oficial:

“Obra editada em conformidade com os propósitos educacionais do Movimento Escoteiro no Brasil”

Art. 20 - Na hipótese de inclusão de fotografias na edição, deverão ser indicados, na margem direita da fotografia, os créditos do fotógrafo (nome completo).

Art. 21 - Ocorrendo a publicação de obra bibliográfica por terceiros, devidamente autorizada pelo Escritório Nacional, o editor deverá encaminhar um exemplar para o Escritório Nacional e outro para o Centro Cultural do Movimento Escoteiro, para fins de documentação.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 22 - O descumprimento da presente Resolução por parte de qualquer órgão ou associado da União dos Escoteiros do Brasil sujeitará o autor, ou seu representante legal, a procedimentos disciplinares.

Art. 23 - A violação dos direitos de propriedade intelectual e de autor da União dos Escoteiros do Brasil, caracterizarão crime contra a propriedade intelectual, arcando o infrator, com as responsabilidades civis e criminais por tais atos.

Art. 24 - A comercialização, por qualquer pessoa, de mercadorias produzidas em desconformidade com a presente Resolução, depois de cientificada do interior teor desta, tipificará a hipótese do artigo precedente, sendo inócua a alegação de boa fé.

Art. 25 - A presente Resolução tem vigência a partir de 1º de janeiro de 1996.

Art. 26 - Revogam-se expressamente todas as autorizações escritas e verbais, entendimentos e ajustes anteriores à edição da presente Resolução.

Joinville, 02 de novembro de 1995.

MÁRIO HENRIQUE PETERS FARINON

Diretor Presidente

ANEXO 7 – QUESTIONÁRIO

Memória do Movimento Escoteiro

Pesquisa para desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso sobre a política de Memória do Movimento Escoteiro no Brasil.

***Obrigatório**

Grupo Escoteiro / estado *

Qual o ano de fundação do Grupo? *

Há um espaço reservado à história do Grupo? *

- Sim, existe.
- Não, não existe.
- Está em desenvolvimento.
- No momento não, mas já tivemos.

Como é designado esse espaço? *

- Museu
- Centro de Memória
- Centro Cultural
- Arquivo
- Biblioteca
- Outro:

Qual o objetivo desse espaço? *

R:

Marque as opções correspondentes ao tipo de visitação ao espaço *

- Agendamento prévio
- Visitação guiada durante a semana
- Visitação guiada durante o horário de atividade do Grupo
- Visitação livre durante a semana
- Visitação livre durante o horário de atividade do Grupo

Há livro de registo de visitas? *

- Sim
- Não
- Está em desenvolvimento

Qual o maior público do espaço? *

- Membros juvenis do Movimento Escoteiro
- Membros adultos do Movimento Escoteiro
- Ex-membros do Grupo
- Comunidade local
- Outro:

Maque quais são os objetos que compõem o acervo do espaço? *

- Lenços Escoteiros
- Troféus
- Bandeiras antigas
- Medalhas
- Presentes de outros Grupos
- Cartas
- Fotografias
- Uniformes
- Livros
- Documentos Textuais
- Outro:

Como é feita aquisição e seleção do acervo? ***R:****Marque as opções utilizadas na organização do acervo ***

- Tipologia
- Cronologia
- Eventos
- Tema
- Outro:

Marque as formas de divulgação do espaço *

- Não temos
- Folhetim Interno do Grupo
- Facebook do Grupo
- Site do Grupo
- Outro:

Há um responsável pelo espaço? *

- Não temos
- Sim, um membro da diretoria do Grupo
- Sim, um profissional contratado
- Sim, um membro do Grupo
- Outro:

Existe documento formalizando a criação do espaço? *

- Sim
- Não

Existe documento que regulamenta o funcionamento do espaço? *

- Sim
- Não

Para o Grupo, qual a importância do espaço com relação a preservação e divulgação da memória? ***R:**